

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE FILOSOFIA - IFILO

NILCE ALVES GOMES

**OS SÍMBOLOS SAGRADOS NA CONSTRUÇÃO DO HUMANO:
um olhar teológico-filosófico comparativo entre a figura da Virgem Maria e das
deusas gregas**

UBERLÂNDIA / MG

OUTUBRO/2020
NILCE ALVES GOMES

**OS SÍMBOLOS SAGRADOS NA CONSTRUÇÃO DO HUMANO:
um olhar teológico-filosófico comparativo entre a figura da Virgem Maria e das
deusas gregas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Filosofia. Sob orientação do Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior.

UBERLÂNDIA / MG

OUTUBRO/2020
NILCE ALVES GOMES

**OS SÍMBOLOS SAGRADOS NA CONSTRUÇÃO DO HUMANO:
um olhar teológico-filosófico comparativo entre a figura da Virgem Maria e das
deusas gregas**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Filosofia pelo Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior.

Uberlândia, 07 de outubro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior – Orientador

Prof.^a. Dr.^a Jane Maria dos Santos Reis

Prof. Dr. Manoel Messias de Oliveira

Dedico este trabalho a todos que acreditaram no meu sonho e contribuíram para torná-lo realidade.

AGRADECIMENTOS

Graças dou a Deus Pai pelo dom da vida, a Deus Filho, pela redenção concedida na cruz, e a Deus Espírito Santo, pelos dons derramados. Sou grata à Virgem Maria, por ser a minha Mãe na fé!

Agradeço de todo meu coração: aos meus professores da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, pelo carinho, amizade e por dividirem comigo seus conhecimentos; ao professor e amigo José Benedito pela competência, incentivo, motivação e orientação nessa caminhada acadêmica, quando tivemos momentos memoráveis: muito aprendizado, alegria e descontração; aos professores Manoel Messias e Jane Maria pela bondade em ler meus escritos e participar dessa banca examinadora; aos coordenadores e colaboradores do Instituto de Filosofia - IFILO.

Aos colegas da XXI turma de Filosofia da UFU agradeço pelo apoio, companheirismo e encorajamento. De modo especial, sempre me lembrarei dos amigos Gustavo Henrique e Gleusson Neves pelas inúmeras conversas que tanto me direcionaram, tanto em âmbito acadêmico quanto na vida pessoal. Em particular, agradeço ao Gustavo pela parceria nos estudos, nos trabalhos, nas apresentações, etc.

Agradeço à minha família: aos meus pais, Adonir e Dalva pelo apoio e pela longa espera... afinal, o tão sonhado diploma chegará com 35 anos de atraso; aos meus filhos, genro e nora por não me permitirem desistir; ao Guilherme e à Letícia minha retribuição amorosa por me emprestar seus ombros, pelas incontáveis lágrimas enxugadas, por me estimular a acreditar no meu potencial, e pelas horas que debruçaram sobre meus escritos, auxiliando-me com a tecnologia digital; ao meu namorado Arédio, pelas inúmeras renúncias, pelas ausências propositais, por me ensinar a controlar minha ansiedade e recuperar a paz perdida...

Meu reconhecimento sincero, ao amigo André Matias pela “bendita” insistência para que eu fizesse a prova do Exame Nacional de Ensino Médio - ENEM - meio pelo qual foi possível o meu ingresso na universidade; e à amiga Hebe (não a deusa), pela flexibilidade em meu horário de trabalho e por promover condições para eu pudesse dar continuidade aos meus estudos.

Tenho também, enorme gratidão a todos que tive a oportunidade de conhecer e ajudar, mesmo que, com aquilo que eu tenho de mais simples e autêntico: o meu sorriso!

Que Deus pague a todos, pois carrego em mim, um pedacinho de cada um de vocês!

“ Há uma saída, que não é um atalho. É um caminho, e esse caminho tem nome. Porém, se quisermos andar no caminho de Jesus, não temos alternativa a não ser fazer o mesmo que Maria: amar! [...]”
(Padre Léo)

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma abordagem teológico-filosófica que envolve algumas análises comparativas entre a Virgem Maria – Mãe de Jesus Cristo – e as deusas gregas. Num primeiro momento, se investiga a presença da figura da Virgem Maria segundo relatos Bíblicos, na Tradição, na Teologia e no Magistério Pastoral da Igreja Católica Apostólica Romana, onde são citados alguns documentos basilares que alicerçam os dogmas marianos. Posteriormente, se apontam alguns cânticos e orações que ilustram a riqueza espiritual dos cultos de devoção popular à Virgem Maria. Por fim, são tecidos diversos paralelismos entre algumas divindades gregas e a Mãe de Jesus, com o intuito de ilustrar as relações estabelecidas entre a Mitologia, a Filosofia e a Teologia. A opção por apresentar este recorte da mitologia grega se deu pela “proximidade” espaço-temporal entre a cultura grega e o início do cristianismo. Uma vez que esse exame objetiva atestar que os mitos fornecem modelos para a conduta humana, se pode observar que a mitologia confere significação e valor à existência de todas as civilizações, pois ela é a raiz do modo de pensar, das atitudes, das regras morais, das ações e da linguagem de todas as culturas; assim como se pode constatar que a fé religiosa na figura materna da Virgem Maria é protótipo de comportamento e atuação para aqueles que nela acreditam.

Palavras-chave: Virgem Maria. Deusas gregas. Mitologia.

ABSTRACT

The present work is the result of a theological-philosophical approach that involves some comparative analyzes between the Virgin Mary - Mother of Jesus Christ - and the Greek goddesses. At first, the presence of the figure of Virgin Mary is investigated according to Biblical reports, Tradition, Theology and the Pastoral Magisterium of the Roman Catholic Apostolic Church, where some basic documents that underpin Marian dogmas are cited. Later, some songs and prayers are pointed out that illustrate the spiritual richness of the cults of popular devotion to Virgin Mary. Finally, several parallels are drawn between the listed Greek deities and the Mother of Jesus, in order to illustrate the relationships established between Mythology, Philosophy and Theology. The option to present this section of Greek mythology was due to the space-time "proximity" between Greek culture and the beginning of Christianity. Since this examination aims to attest that myths provide models for human conduct, it can be seen that mythology gives meaning and value to the existence of all civilizations, as it is the root of the way of thinking, of attitudes, of moral rules, the actions and language of all cultures; just as it can be seen that religious faith in the maternal figure of Virgin Mary is a prototype of behavior and performance for those who believe in it.

Keywords: Virgin Mary. Greek goddesses. Mythology.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	Maria, passa na frente.....	42
Imagem 2 -	O Rosário Mariano.....	43
Imagem 3 -	Maria e o Menino Deus.....	44
Imagem 4 -	Afrodite.....	51
Imagem 5 -	Ártemis.....	53
Imagem 6 -	Atena.....	54
Imagem 7 -	Gaia.....	56
Imagem 8 -	Hera.....	57
Imagem 9 -	Hebe.....	59
Imagem 10 -	Imaculada Conceição.....	61

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

Antigo Testamento	AT
Bula Apostólica <i>Ineffabilis Deus</i>	BAID
Carta Encíclica <i>Evangelii Gaudium</i>	CEEG
Carta Encíclica <i>Redemptoris Mater</i>	CERM
Catecismo da Igreja Católica	CIC
Concílio Ecumênico Vaticano II	CVII
Constituição Apostólica <i>Munificentissimus Deus</i>	CAMD
Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>	CDLG
Igreja Católica Apostólica Romana	ICAR
Novo Testamento	NT

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Capítulo 1 – MARIOLOGIA.....	16
1.1 Origem e sentido do culto a Maria.....	16
1.2 Maria no Antigo Testamento.....	17
1.3 Maria no Novo Testamento.....	18
1.3.1 Na Carta de São Paulo aos Gálatas.....	19
1.3.2 No Evangelho de Marcos.....	19
1.3.3 No Evangelho de Mateus.....	21
1.3.4 No Evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos.....	22
1.3.5 No Evangelho de João.....	25
1.3.6 No Livro do Apocalipse.....	26
1.4 Mariologia Patrística.....	27
1.5 Mariologia Dogmática.....	29
1.5.1 A Maternidade Divina.....	30
1.5.2 A Imaculada Conceição.....	30
1.5.3 A Virgindade de Maria.....	31
1.5.4 A Assunção de Maria.....	33
Capítulo 2 – DEVOÇÃO MARIANA	36
2.1 Maria na piedade popular e o posicionamento da Igreja.....	36
2.2 A oração mariana.....	38
2.2.1 A Ave Maria.....	39
2.2.2 A Salve Rainha.....	40
2.2.3 A oração “Maria passa na frente”.....	41
2.2.4 O Santo Rosário.....	43
2.2.5 Cânticos Marianos.....	44
Capítulo 3 – MARIA E AS DEUSAS GREGAS.....	49
3.1 Afrodite.....	51
3.2 Ártemis.....	53
3.3 Atena.....	54
3.4 Gaia.....	56
3.5 Hera.....	57

3.6 Hebe.....	59
3.7 Mitologia Comparada.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	67

INTRODUÇÃO

No estudo da Filosofia da Religião, durante o curso de Filosofia, utilizamos dentre outras fontes, o livro “O Sagrado e o Profano”, de Mircea Eliade, que propõe diversas reflexões sobre o papel dos símbolos sagrados na construção dos seres humanos, enfatizando a ideia de que o rito mantém o mito vivo. Instigados por essa ideia, nos questionamos sobre a possibilidade de aplicá-la à Devoção Mariana, ou seja, se, a Virgem Maria é ou não, um mito? Sendo ela, um protótipo de comportamento e atuação, como associá-la à manutenção dessa vivacidade sempre atualizada, entre seus devotos?

A certeza em desejar abordar o papel e a missão da Virgem Maria, traçando paralelos entre ela e as deusas gregas, surgiu do fato de eu ser católica e devota de Nossa Senhora, além da motivação, do apoio e encorajamento dispensados pelo meu professor orientador.

Inicialmente, optamos por ressaltar a importância da presença da Virgem Maria¹ segundo o catolicismo, nas Sagradas Escrituras, na Teologia, na Tradição da Igreja, no seu Magistério Pastoral e na devoção popular. Sendo a Bíblia a nossa principal fonte de referência mariana; buscamos subsídios para esse trabalho também nos ensinamentos e reflexões dos doutores da Igreja – os Teólogos – na Tradição Patrística, isto é, nos antigos padres da Igreja; no que os Concílios, a Santa Sé e os Dogmas da Igreja tratam sobre Maria; além de nos inspirarmos no modo que o povo de Deus vive e celebra a piedade mariana.

Esse conteúdo obedece a sequência cronológica, a partir de algumas passagens do Antigo Testamento – AT e, principalmente, dos textos do Novo Testamento – NT, com o objetivo de compreendermos, segundo proclama a Igreja Católica Apostólica Romana – ICAR, o lugar e a missão de Maria na história da Salvação; crescer no amor e na piedade para com a Mãe de Jesus²; imitar Maria como exemplo de fé, vida e amor; comunicar aos interessados a maneira própria (da Igreja) de honrar e venerar Maria; além de tecermos um paralelo entre as principais características marianas e as das divindades gregas.

Sempre incentivada pelo meu orientador, baseei minhas pesquisas em cursos de Mariologia, em documentos e livros católicos, em livros didáticos, e em estudos científicos disponíveis pela Internet.

¹ O nome de Maria significa: amada, escolhida, querida, preferida, excelsa, iluminada, Senhora, dentre outros. (SILVA, 2012).

² O nome de Jesus (Ieshuah) significa: “Deus salva”. (Ibid.).

No estudo do pensamento teológico sobre a Virgem Maria destacamos a Mariologia Bíblica, a Patrística e a Dogmática.

Da Mariologia Bíblica, citamos aspectos marianos que foram prefigurados no Antigo Testamento, e, características da Mãe de Jesus que foram evidenciadas pelos evangelistas, no Novo Testamento.

Da Mariologia Patrística, apontamos os nomes e os principais estudos e declarações sobre a Virgem Maria feitos pelos teólogos e doutores da Igreja, do início do Cristianismo ao século VIII.

Da Mariologia Dogmática, conceituamos a palavra dogma e apresentamos os quatro dogmas marianos, que são: a Maternidade Divina, a Virgindade Perpétua, a Imaculada Conceição, e a Assunção ao Céu.

Cabe de antemão esclarecer, que não devemos confundir as devoções e espiritualidades marianas com a Mariologia³. Pois, mesmo inseridas na Mariologia, essas realidades não são a sua completude. Por devoção mariana – Mariolatria – devemos compreender a relação de entrega, súplica, gratidão e louvor presentes no âmbito da religiosidade e práticas culturais. Já a Mariologia, deve ser entendida como o conhecimento, isto é, um estudo sistemático e crítico, do ponto de vista do catolicismo, sobre a Mãe de Jesus: na Bíblia, na Tradição viva, no Magistério da Igreja e na atualidade.

Por se tratar de outra dimensão da fé, diferente da devoção mariana, a Mariologia harmoniza razão e emoção, buscando por meio do pensar, do questionar, do refletir e do ponderar, a proposição de alternativas que visam uma fé madura. Tais proposições serão amplamente discutidas no primeiro capítulo deste trabalho.

No segundo capítulo, conceituamos e estabelecemos a diferenciação entre as formas de veneração denominadas latría, hiperdulia e dulia. Abordamos algumas formas de piedade popular, trazendo cantos e orações que valorizam o aspecto maternal com que Maria acolhe e protege seus filhos, além de expressar as súplicas daqueles que necessitam da orientação, do consolo, do sorriso e do olhar da Mãe de Deus.

No terceiro capítulo, explanamos alguns pontos de convergência, e, consequentemente, outros, de divergência, estabelecidos entre as deusas gregas e a Mãe de Jesus. Esse capítulo foi

³ Ciência pertencente à Teologia que visa o aprofundamento doutrinário e dogmático referentes à figura de Maria, no mistério de Cristo e da Igreja. Este termo foi cunhado em 1857 e não deve ser confundido com a veneração da Virgem, que é chamada Mariolatria (Ibid.).

desenvolvido a partir do acesso aos comentários da Teogonia, de Hesíodo; de livros didáticos sobre a mitologia grega; e, dos escritos de Eliade sobre a mitologia comparada, principalmente.

Historicamente, sabemos que os séculos que antecederam ao cristianismo, assim como os primeiros da doutrina cristã, foram marcados pelo culto às divindades helênicas, não havendo lugar para o culto mariano, que só se tornou expressivo a partir do século V, quando a palavra de Cristo, enraizada no centro da religiosidade, depôs a presença da veneração às divindades femininas nos templos, e, o dogmatismo interpôs Maria – a Mãe de Deus Filho – como marco absoluto de graça e pureza perfeitas.

Constituindo apenas uma introdução muito rápida a um tema complexo e imenso, o propósito da nossa pesquisa é também, buscar na Filosofia o fundamento desse conhecimento, pois, os homens religiosos de todos os tempos, com suas convicções e crenças estão refletidos em nossa história pessoal, pois, conforme nos ensina Eliade, o mito se torna exemplar na medida em que é a base dos comportamentos e ações dos homens.

Na tentativa de resgatar uma das dimensões verdadeiramente humana, isto é, o significado espiritual de cada ser, é que nos debruçamos sobre este assunto que nos apresentará um breve conhecimento do sagrado, ligando os simbolismos divinos (mitológicos e cristãos) ao despertar de uma consciência de si, trazendo talvez à tona, como é próprio da Filosofia, mais questionamentos e reflexões do que respostas.

Senhora, minha! Ó minha Mãe! Eu me
ofereço todo a Vós, e em prova da minha
devoção para convosco, vos consagro hoje e
para sempre: os meus olhos, os meus ouvidos,
a minha boca, o meu coração e inteiramente
todo o meu ser; e porque assim sou todo vosso,
ó minha boa e incomparável Mãe, guardai-me
e defendei-me como coisa e propriedade
vossa. Assim seja. Amém.
(São Luís Maria Grignon de Montfort)

Capítulo 1 – MARIOLOGIA

1.1 Origem e sentido do culto à Maria

Este trabalho não pretende ser uma reflexão completa da presença de Maria na história da ICAR, porque é um tema que abrange diversas facetas deste culto, o que foge ao nosso domínio e por não ser o objetivo dessa atividade acadêmica. Cabe, porém, ressaltar que elementos importantes serão aqui abordados procurando iluminar o papel de Maria na vida de Cristo e da Igreja.

Embora nos primeiros séculos do cristianismo, os dados bíblicos a respeito da Mãe de Jesus fossem interpretados e desenvolvidos à luz da tradição oral, a Igreja, aos poucos, percebeu a necessidade de construir um tratado próprio, uma vez que a piedade para com a figura de Maria Santíssima que havia se desenvolvido a partir do século V, perdeu um tanto do contato com as fontes das Escrituras e da tradição oral, de tal modo que coube, então, ao Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) – CVII restaurar a Mariologia com bases sólidas, revitalizando-a. Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, encontramos:

O Sacrossanto Sínodo [...] exorta os teólogos [...] a que, sob a direção do Magistério, cultivem o estudo da Sagrada Escritura [...] para retamente ilustrar os dons e privilégios da Bem-aventurada Virgem, que sempre levam a Cristo, origem de toda verdade, santidade e piedade [...]. Ademais, saibam os fiéis que a verdadeira devoção não consiste num estéril e transitório afeto, nem numa vã credulidade, mas procede da fé verdadeira, pela qual somos levados a reconhecer a excelência da Mãe de Deus, excitados a um amor filial para com a nossa Mãe e à imitação das suas virtudes. (CDLG, 1964, § 67).

Apesar dos Evangelhos serem modestos a respeito da figura da Mãe de Jesus Cristo, pois não há neles a finalidade de contar a história de Jesus, dos discípulos e nem tampouco de Maria, mas de narrar a Boa Nova da salvação, Maria ocupa importante lugar em pelo menos três momentos decisivos da história da salvação: na encarnação do filho de Deus, que se faz filho de Maria, conforme Lucas 1:26-38; na crucificação de Jesus, quando o próprio Cristo estende a maternidade de Maria a todos os homens, segundo João 19:25-27; e, em Pentecostes, quando Maria e os apóstolos recebem o Espírito Santo como membro eminente da Igreja, conforme os Atos dos Apóstolos 1:14.

Esse culto de dois milênios a uma mulher, levou a Igreja a definir como verdade de fé quatro dogmas marianos: a Maternidade Divina, no ano de 431; a Virgindade Perpétua, em 649; a Imaculada Conceição, em 1854; e a Assunção Gloriosa da Virgem, datada de 1950.

Primeiramente, é necessário esclarecer que a fé dos católicos, é Cristocêntrica, isto é, Cristo é o centro de tudo. Maria não existe sem o Cristo. Toda sua história, sua escolha, sua

preparação está relacionada à vinda e à vida de Jesus. A Virgem Maria ocupa uma importância fundamental, porque é a pessoa mais próxima do Centro: Jesus. Ela é quem mais se aproximou da Santíssima Trindade⁴; sendo a escolhida pelo Pai para gerar o Filho, sob a luz do Espírito Santo.

1.2 Maria no Antigo Testamento

A pessoa e a missão de Maria, mãe de Jesus, foram prefiguradas no A.T. de várias maneiras. Segundo muitos estudiosos o tema mariano está “escondido” sob três modos: como preparação moral, tipológica e profética.

O primeiro, se refere à preparação moral: Deus escolhe uma linhagem de fé e santidade para que seu filho nasça da raça humana, apesar da humanidade estar corrompida pelo pecado. Pecado original que se instalou como consequência da desobediência do homem a Deus, conforme nos relata o livro do Gênesis: “O Senhor Deus disse: Quem te revelou que estavas nu? Terias tu porventura comido do fruto da árvore que eu te havia proibido de comer”? (BÍBLIA, Gênesis, 3:11). Ao que o homem respondeu: “A mulher que pusestes ao meu lado apresentou-me deste fruto, e eu comi”. (BÍBLIA, Gênesis, 3:12). A sequência da narrativa apresenta-nos a mulher, Eva, que alega ter sido enganada pela serpente – que representa o mal – e, comendo do fruto proibido, o ofereceu ao homem – Adão. Ao que Deus, em retaliação à transgressão praticada, expulsou-os do jardim do Éden.

O segundo modo, nos aponta a preparação tipológica (linguagem simbólica): Maria aparece como símbolo da “Filha de Sião”, o lugar da residência de Javé. Diz Sofonias: “Solta gritos de alegria, filha de Sião! Solta gritos de júbilo, ó Israel! Alegra-te e rejubila-te de todo o teu coração, filha de Jerusalém”! (BÍBLIA, Sofonias, 3:14); e como a nova “Arca da Aliança” que traz dentro de si a Lei definitiva (revelação) de Deus, seu próprio Filho, Jesus. Encontramos no livro do Êxodo as instruções do próprio Deus para Moisés, no monte Sinai: “Farão uma arca de madeira de acácia [...] tu a recobrirás de ouro puro por dentro, e farás por fora, em volta dela, uma bordadura de ouro”. (BÍBLIA, Êxodo, 25:10-11). E prossegue no versículo 21: “[...] colocarás a tampa sobre a arca e porás dentro da arca o testemunho que eu te der.” (BÍBLIA, Êxodo, 25:21), se referindo às tábuas da Lei – o Decálogo ou os dez mandamentos. Deste modo, a arca tornou-se o sinal visível da presença de Deus para o seu povo: “Eu estabelecerei a minha

⁴ O Catecismo da Igreja Católica – CIC – define a Santíssima Trindade: “[...] há um só e verdadeiro Deus [...], Pai, Filho e Espírito Santo: Três Pessoas, mas uma Essência, uma Substância ou Natureza absolutamente simples”. (CIC, 2001, p. 26, § 42).

morada entre vós [...], eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo”. (BÍBLIA, Levítico, 26:11-12). Esta arca tem o valor simbólico do trono de Deus: ela testemunha que Deus habita no meio do seu povo, como penhor da fidelidade de suas promessas.

Em terceiro lugar, Maria é apresentada como preparação profética: em Isaías, lemos: “Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: uma virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamará Emanuel, Deus Conosco” (BÍBLIA, Isaías, 7:14); no livro dos Cânticos: “És toda bela, ó minha amiga, e não há mancha em ti”. (BÍBLIA, Cânticos, 4:7); e nos Salmos: “Ouve, filha, vê e presta atenção, [...] de tua beleza se encantarão o rei; Ele é o teu senhor, [...] toda formosa, entra a filha do rei, com vestes bordadas de ouro”. (BÍBLIA, Salmos, 44:11-14).

Esses são alguns textos do AT que fazem referência a uma mulher que irá dar à luz ao Filho de Deus que será o Salvador da humanidade. Como a arca que guardava as Leis, Maria é a nova arca da aliança que porta em seu ventre imaculado, o Messias, Cristo Jesus. Ela é a filha do rei – Deus – ornada com vestes semelhantes à arca, bordadas de ouro. Vestes dignas da virgem e bela mulher, honrada, cujo interior é comparado ao ouro puro, isto é, sem a mancha do pecado original. Maria é ainda considerada a nova Eva: se pela desobediência a Deus, a primeira mulher, Eva, fez entrar no mundo o pecado e a morte, pela obediência de Maria entra, por meio de Jesus, a salvação e a vida.

1.3 Maria no Novo Testamento

Neste item, abordaremos em ordem cronológica da escrita, algumas citações bíblicas do NT que falam explicitamente de Maria: em Gálatas; em Marcos; em Mateus; em Lucas e nos Atos dos Apóstolos; em João e no Apocalipse.

O tema da Mariologia foi evoluindo gradativamente no NT: em Gálatas, Paulo faz pequena alusão à Maria; em Marcos, por exemplo, Maria aparece apenas como a mãe carnal de Jesus, ou seja, é uma figura sem perfil definido; em Mateus e Lucas a figura de Maria já merece maior destaque. Mateus relaciona Maria ao Messias, como Mãe Virginal, e Lucas a descreve como pessoa consciente e livre; nos Atos dos Apóstolos – escrito por Lucas – Maria é apresentada como a Mãe da Igreja nascente; em João, Maria é a Mulher – Mãe da Fé, nas Bodas de Caná; Mãe de todos os fiéis, aos pés da cruz; e a Mulher Universal, no Apocalipse – também escrito por João.

De tudo isso, explanaremos que Maria é: Criatura: ela foi um ser humano criado por Deus, portanto não é deusa; Peregrina da Fé: sua vida foi perpassada pela fé o tempo todo; Redimida: ela também usufruiu da graça de ser salva por Cristo; Serva do Senhor: serviu a Deus

e a Cristo com total abandono de si; e, Membro da Igreja: fazendo parte da comunidade dos discípulos de Jesus.

1.3.1 Na Carta de São Paulo aos Gálatas

Escrito por volta do ano 50 d.C., o livro aos Gálatas contém a informação mais antiga sobre Maria: “Mas quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher e nasceu submetido a uma lei, a fim de recebermos a adoção filial”. (BÍBLIA, Gálatas, 4:4). Ora, Deus quis vir ao encontro do homem, na “plenitude dos tempos⁵”, isto é, a encarnação de Cristo é o ponto máximo do desígnio divino.

Nesse contexto, Maria é a Mulher que reveste Cristo com a mesma matéria da qual somos feitos: carne e sangue. Desse modo, Paulo pretende enfatizar que a pessoa de Maria está substancialmente vinculada ao projeto de salvação que Deus prepara para a humanidade, além de acentuar a condição real e humana de Jesus.

1.3.2 No Evangelho de Marcos

Durante todo o relato do Evangelho de Marcos, escrito por volta do ano 70 d.C., Maria aparece apenas duas vezes. No entanto, essas citações são muito expressivas, pois a apresentam como a discípula fiel que cumpre a vontade de Deus e a mulher que acolhe a todos como filhos e irmãos de Jesus. Uma vez que a estrutura familiar era muito importante socialmente no tempo de Jesus, o evangelista faz questão de ressaltar a chegada dos entes queridos do Salvador, em Cafarnaum, para proteger Jesus que se encontrava no meio da multidão enraivecida:

Chegaram sua mãe e irmãos e, estando do lado de fora, mandaram chamá-lo. Ora, a multidão estava sentada ao redor dele; e disseram-lhe: “Tua mãe e teus irmãos estão aí fora e te procuram”. Ele respondeu-lhes: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos”? E, correndo o olhar sobre a multidão, que estava sentada ao redor dele, disse: “Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”. (BÍBLIA, Marcos, 3:31-35).

Segundo a visão de Marcos, seguir Jesus ou fazer parte de sua família supera os laços de parentesco – valor absoluto nas sociedades antigas. A nova família que Jesus estabelece, tem como exigência fazer a vontade do Pai. Pode parecer-nos estranho, mas para o evangelista, até

⁵ Compreendido como o tempo em que o Pai envia o seu Filho ao mundo. (SILVA, 2012).

Maria – a criatura mais inteiramente ligada a Jesus pelos laços de sangue, pois era sua mãe – teve que cumprir a vontade do Pai, não só gerando Jesus em seu ventre, mas também em seu coração. Aqui, a figura da mãe se adequa à figura de discípula do próprio Filho, portanto, a primeira cristã.

No entanto, um adendo se faz necessário para esclarecer a polêmica que envolve a possibilidade de Maria ter tido outros filhos. Na Bíblia, há outras passagens nas quais são mencionados os “irmãos de Jesus”, como por exemplo, em Mateus: “[...] Não são seus irmãos: Tiago, José, Simão e Judas”? (BÍBLIA, Mateus, 13:55), e em João: “Depois disto, desceu para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos”. (BÍBLIA, João, 2:12).

A fé católica não se baseia somente nas Sagradas Escrituras, mas também na Tradição e no Magistério da Igreja. Ora, convém desde já esclarecer que a polêmica sobre a Virgem Maria ter outros filhos, os supostos irmãos de Jesus, segundo a interpretação da Igreja, em seu Magistério, em consonância com a Tradição e as Sagradas Escrituras, definiram afirmar como dogma de fé a virgindade perpétua de Nossa Senhora, no Concílio de Latrão, datado do ano de 649. Portanto, a ICAR é incisiva ao atestar que Maria não teve outros filhos, permanecendo Virgem antes, durante e depois do parto do Filho de Deus.

Outra explicação plausível, na qual muitos estudiosos se apoiam é a que em hebraico, a língua do povo judeu, a palavra irmão é usada para designar vários tipos de parentesco, uma vez que não há palavras específicas para primo, sobrinho e tio, e, portanto, quando os “irmãos” de Jesus são mencionados, na realidade os escritores sagrados estão se referindo a parentes íntimos.

Uma terceira hipótese admissível para evidenciar que Maria não teve outros filhos, e, consequentemente, que Jesus não tinha irmãos, é que o fato de que, do alto da cruz, Jesus entregou a João, os cuidados de Maria quando disse: “Filho, eis aí a tua mãe”! (BÍBLIA, João, 19:27). Ora, se Jesus tivesse irmãos, seria incoerente que ele entregasse sua mãe aos cuidados de João, que era seu primo, pois, seus “pretensos irmãos” se encarregariam de zelar dela.

Por fim, fica evidente que Marcos, apesar de abordar o tema referente à Maria sob o aspecto puramente humano e biológico, tem a intenção de nos provocar o desejo de conhecer a pessoa de Maria, ensinando que ela vivenciou um processo de amadurecimento na fé para compreender a missão de Jesus.

1.3.3 No Evangelho de Mateus

Mateus – também chamado de Levi – escreveu seu Evangelho por volta do ano 70 d.C. e tinha como objetivo ressaltar a missão de Cristo aos judeus. Ao mostrar que Jesus era o Messias anunciado pelos profetas do A. T., Mateus apresenta Maria como aquela que concebeu Jesus pela ação do Espírito Santo, sem a intervenção humana – permanecendo virgem – demonstrando a gratuidade do projeto divino. A preocupação do evangelista, de fato, não é propriamente mariológica, mas cristológica, pois visa esclarecer, não a identidade de Maria, mas a realidade última de Jesus.

Descrevendo a genealogia de Jesus, Mateus tem o objetivo de mostrar que o Messias descende do Patriarca de Israel, Abraão e da linhagem do rei Davi, dos quais herda a promessa de numerosa descendência e eterna realeza, conforme se lê na Bíblia, em Gênesis, no capítulo 12; e no segundo livro de Samuel, no capítulo 7, respectivamente. No entanto, o evangelista procura evidenciar que a descendência de Abraão e Davi gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus.

A narrativa de Mateus revela o anúncio do nascimento do Menino Deus a José, conforme segue:

Ora, a origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José e, antes de passarem a conviver, ela encontrou-se grávida pela ação do Espírito Santo. José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, pensou em despedi-la secretamente. Mas, no que lhe veio esse pensamento, apareceu-lhe em sonho um anjo do Senhor, que lhe disse: “José, Filho de Davi, não tenhas receio de receber Maria, tua esposa, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e tu lhe porás o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados”. Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito pelo profeta: “Eis que a virgem ficará grávida e dará à luz um filho. Ele será chamado pelo nome de Emanuel, que significa: Deus-conosco”. Quando acordou, José fez conforme o anjo do Senhor tinha mandado e acolheu sua esposa. E, sem que antes tivessem mantido relações conjugais, ela deu à luz o filho. E ele lhe pôs o nome de Jesus. (BÍBLIA, Mateus, 1:18-25).

Segundo nos narra a história do povo judeu, antigamente, a sucessão paterna era o elemento instaurador na genealogia. Teologicamente, José, o pai adotivo de Jesus, representa o antigo judaísmo. Por outro lado, Maria, sua Mãe, não faz parte da estirpe judaica. Assim, o anúncio do nascimento de Jesus, estabelece uma ruptura: a Providência Divina, através do Espírito Santo, atuou em Maria para que ela fosse a mãe biológica de Jesus, e desse modo, inserisse as novas comunidades cristãs – que seu Filho instauraria – dentro do judaísmo, vendo nelas a obra de Deus. Ao receber Maria em sua casa e assumir Jesus como seu filho, José confirma definitivamente o vínculo histórico da descendência do Messias.

Num segundo momento, ao relatar a fuga para o Egito, Mateus repete várias vezes a frase: “o menino e sua mãe”, com a intenção de reforçar a real maternidade de Maria, uma vez que a paternidade “terrena” – por adoção, já havia sido evidenciada no texto anterior. Para o evangelista, Maria é a companheira inseparável do Filho, que participa da vida humana e salvífica de Jesus, conforme podemos conferir:

[...] um anjo do Senhor apareceu a José em sonho e lhe disse: “Levante-se, tome o menino e sua mãe, e fuja para o Egito. Fique lá até que eu lhe diga, pois Herodes vai procurar o menino para matá-lo”. Então ele se levantou, tomou o menino e sua mãe durante a noite, e partiu para o Egito, onde ficou até a morte de Herodes [...]. Depois que Herodes morreu, um anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e disse: “Levante-se, tome o menino e sua mãe, e vá para a terra de Israel, pois estão mortos os que procuravam tirar a vida do menino”. Ele se levantou, tomou o menino e sua mãe, [...] e foi viver numa cidade chamada Nazaré. Assim cumpriu-se o que fora dito pelos profetas: “Ele será chamado Nazareno”. (BÍBLIA, Mateus, 2:13-23).

1.3.4 No Evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos

Escrito por volta dos anos 79-80 d.C., o médico Lucas é o evangelista que mais fala de Maria, afirmam os doutores da Igreja. Enumerando as qualidades da Mãe de Jesus, Lucas a apresenta como a grande peregrina da fé que acolhe, guarda e medita em seu coração a Palavra de Deus, e por isso, a considera o exemplo vivo do discipulado e modelo do seguimento de Jesus. De acordo com o evangelista, Maria é, ao mesmo tempo, uma pessoa de coração pobre (nobre) – aberto para Deus – além de solidária e serviçal – para com os mais necessitados – evidenciando, a partir das qualidades dela, dois títulos marianos: Mulher de Fé e Mãe de Jesus.

Os principais textos, em Lucas, que realçam a relevância de Maria são o da Anunciação, o da Visitação e o do Magnificat. Diferentemente de Mateus – que pretendia fazer compreender que Jesus era descendente de Davi – há, em Lucas, a preocupação em evidenciar o diálogo entre Maria e o anjo Gabriel – pretendendo realçar o aspecto da encarnação anunciada a Maria:

Naquele tempo, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José. Ele era descendente de Davi e o nome da Virgem era Maria. O anjo entrou onde ela estava e disse: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” Maria ficou perturbada com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, então, disse-lhe: “Não tenhas medo, Maria, porque encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi. Ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó, e o seu reino não terá fim”. Maria perguntou ao anjo: “Como acontecerá isso, se eu não conheço homem algum”? O anjo respondeu: “O Espírito virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso, o menino que vai nascer será chamado Santo, Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice. Este já é o sexto mês daquela que era considerada estéril, porque para Deus nada é impossível”. Maria, então, disse: “Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” E o anjo retirou-se. (BÍBLIA, Lucas, 1:26-38).

Posteriormente, na história da visitação, Lucas apresenta o encontro de duas mulheres grávidas: Maria e Isabel. O encontro das duas mães simboliza e testifica o encontro das profecias de Israel – na figura de João Batista – com o advento da grande novidade – Jesus – além de revelar o caráter de ajuda e disponibilidade de Maria à sua prima.

Vejamos o relato de Lucas:

Naqueles dias, Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em alta voz: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me vem esta honra de vir a mim a mãe de meu Senhor? Pois assim que a voz de tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria no meu seio. Bem-aventurada és tu que creste, pois se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas”! (BÍBLIA, Lucas, 1:39-45).

Na primeira frase dita por Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do seu ventre”, há a intenção do evangelista em demonstrar que a razão da benção sobre Maria está no fato dela ter acreditado. Por haver confiado “inteiramente na ação de Deus”, e se colocado disponível ao seu projeto, Maria leva Jesus, carrega Jesus em seu ventre: é a nova Arca que transporta a nova Aliança.

No Magnificat⁶, nos defrontamos com o texto bíblico mais extenso colocado nos lábios de Maria. Ela fala das maravilhas que Deus realizou na vida dela, no seu povo e no mundo. Lucas, poeticamente, transcreve esse cântico mariano:

E Maria disse: “Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador, porque olhou para sua pobre serva. Por isto, desde agora, me proclamam bem-aventurada todas as gerações, porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é Santo. Sua misericórdia se estende, de geração em geração, sobre os que o temem. Manifestou o poder do seu braço: desconcertou os corações dos soberbos. Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes. Saciou de bens os indigentes e despediu de mãos vazias os ricos. Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e sua posteridade, para sempre”. (BÍBLIA, Lucas, 1:46-55).

Como profissão de fé, Maria glorifica a Deus exaltando seus prodígios e sua ação em favor da humanidade. Ao descrever a “alma de Maria” e o ápice de sua espiritualidade e relação com Deus, o evangelista enfatiza as suas características essenciais: servidão e humildade.

Ao narrar o nascimento do Menino Deus, o texto de Lucas revela o modo pobre como Jesus nasceu e o lugar onde sua Mãe o acomodou – em uma manjedoura – lugar onde eram colocados os alimentos dados aos animais:

⁶ Magnificat é a designação que a tradição cristã atribuiu ao cântico ou salmo que a mãe de Jesus, Maria, entoou na sua gravidez. Tal termo, que aparece na Vulgata (tradução da Bíblia para o latim), significa, ao pé da letra, engrandece. (SILVA, 2012).

Naqueles dias foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se. Este, o primeiro recenseamento, foi feito quando Quirino era governador da Síria. Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. José também subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser ele da casa e família de Davi, a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhes os dias, e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura porque não havia lugar para eles na hospedaria. (BÍBLIA, Lucas, 2:1-7).

Simbolicamente, ao mencionar o gesto de alojar o menino numa manjedoura, o evangelista tem a intenção de representar mais uma função de Maria: entregar à humanidade faminta o novo alimento – o pão que vem dos céus – Jesus.

Na narrativa da Apresentação de Jesus no Templo, Maria aparece na atitude do verdadeiro crente:

Concluídos os dias da purificação segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentar ao Senhor [...] havia em Jerusalém um homem chamado Simeão [...], que impelido pelo Espírito Santo foi ao templo. E tendo os pais apresentado o menino Jesus [...] tomou-o em seus braços e louvou a Deus [...]. Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: “Eis que este menino está destinado a ser uma causa de queda e de soerguimento para muitos homens em Israel, e a ser um sinal que provocará contradições, a fim de serem revelados os pensamentos de muitos corações. E uma espada transpassará a tua alma”. (BÍBLIA, Lucas, 2:22-35).

Ora, ao usar a metáfora da espada, o evangelista parece fazer alusão a dois significados eminentes: primeiro, à divisão experimentada por Maria, entre a sua fé, a surpresa e a incompreensão vivenciadas por ela antes das primeiras revelações públicas do ministério de Jesus; segundo, ao sofrimento que ela haveria de enfrentar quando da paixão e morte de seu Filho.

O título de “Peregrina da fé” se origina da atitude de Maria em ser aquela que “[...] manteve estas coisas, meditando-as no seu coração” (BÍBLIA, Lucas, 2:19), isto é, Maria tentava entender, com sabedoria, o significado de tudo o que acontecia consigo e ao seu redor. Intencionalmente, verificamos aqui um paralelo entre o povo do A. T. e Maria: enquanto em Israel a incompreensão se tornou motivo de incredulidade e causou a ruína de muitos, em Maria, o mistério incompreendido permanecia ligado à sua profunda fé.

No livro dos Atos dos Apóstolos, escrito por Lucas e datado dos anos 70 d.C., Maria aparece uma única vez, mas com uma relevância especial e fundamental: Maria é parte integrante da Igreja primitiva e dela participa com sua presença, oração e missão, depois da Ressurreição e Ascensão de Jesus. “Todos eles perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, a mãe de Jesus, e os irmãos dele”. (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 1:14). Como primeira discípula de seu Filho, Maria não se absteve de fazer

parte do cristianismo nascente, ao contrário, mantinha-se firme no seguimento dos ensinamentos de Jesus.

1.3.5 No Evangelho de João

João escreveu seu Evangelho por volta dos anos 90-100 d.C. Por ser o escrito mais tardio, se caracteriza por trazer uma reflexão mais madura sobre Jesus e Maria. O evangelista menciona a Mãe de Jesus em três ocasiões: na encarnação do filho de Deus (João 1:14), nas Bodas de Caná (João 2:1-12) e na morte de Jesus (João 19:25-27).

O evangelista apresenta Maria como a Mediadora da Fé – nas Bodas de Caná, como a Mãe da comunidade de fé – que sofre aos pés da Cruz, e, como a Mulher que é símbolo da Igreja – que sofre as perseguições, porém que vencerá ao final de tudo.

Por meio dos textos que serão versados sobre Maria, que representam o início do ministério de Jesus – com o milagre da água transformada em vinho, nas Bodas de Caná – e culminam com o fim do ministério público do Messias – com a sua morte na cruz – sobressai a intenção do autor em nos demonstrar que Maria estava presente do início ao fim do ministério de seu Filho.

Como o relato das Bodas de Caná será abordado no terceiro capítulo deste trabalho, aqui nos fixaremos à análise dos primeiros versículos desta narrativa, que diz:

Três dias depois, celebravam-se bodas em Caná da Galileia, e achava-se ali a mãe de Jesus. Também foram convidados Jesus e os seus discípulos. Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: “Eles já não têm vinho”. Respondeu-lhe Jesus: “Mulher, isso nos compete a nós? Minha hora ainda não chegou”. Disse, então, sua mãe aos serventes: “Fazei o que ele vos disser”. (BÍBLIA, João, 2:1-4).

Um primeiro dado que se evidencia nesta passagem bíblica é que João não menciona o nome Maria, mas a chama de “Mulher” ou de “Mãe de Jesus”. Com isso, a intenção do evangelista é reforçar o modelo de seguidora do projeto de Jesus: a figura de Maria é vinculada a de seu Filho como símbolo da mensagem salvífica daquele. Também a palavra “mulher” faz referência à três ideias, podendo representar: primeiramente, a Eva-Mulher, relatada em Gênesis, no capítulo 3, como aquela que trouxe o pecado ao mundo, em oposição a Maria, que trouxe a salvação, Jesus; segundo, a todo o povo de Israel como a “Filha de Sião”; e, por último, a figura feminina cujo papel evangelizador é reconhecido em João, que ressalta a fé das mulheres que perseveravam no testemunho do Evangelho. Maria-mulher é aquela que leva os discípulos a acreditarem em Jesus, encorajando os filhos a fazerem a vontade do seu Filho.

Outro aspecto a ser examinado neste texto, é a reação de Jesus ao afirmar: “Mulher, isso nos compete a nós”? Que parece ser um tanto ríspida para com Maria. No entanto, a linguagem é usada para ilustrar o deslocamento de perspectiva: demonstrando que Jesus chama os seus interlocutores (na pessoa de Maria) para perceber um outro nível de sua presença – como aquele que deve ser o centro da narrativa – isto é, Jesus quer mostrar quem ele é: o vinho Novo, a Nova Aliança enviada por Deus à humanidade. Doravante, todo o cenário e personagens são relegados a um segundo plano, propositalmente, pelo evangelista, para evidenciar a figura do Mestre Jesus.

Marcado pela presença da Mãe junto ao crucificado, o fim do ministério de Jesus nos é narrado por João com o objetivo de reforçar a figura e atribuições de Maria:

E junto à cruz de Jesus estava sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. Ora Jesus, vendo ali sua mãe, e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse a sua mãe: “Mulher, eis aí o teu filho”! Depois disse ao discípulo: “Eis aí tua mãe”! E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa. (BÍBLIA, João, 19:25-27).

Ao mencionar Maria junto à cruz de Jesus, João pretende personificar a presença da mãe sofredora e fazer um paralelo entre o relato das Bodas de Caná e a morte do Messias, reforçando a presença de Maria do início ao fim das atividades de seu Filho, enfatizando o pleno cumprimento da missão salvadora de Jesus. Assim, é possível sintetizar a figura de Maria como discípula fiel, pessoa de fé, mãe da comunidade e mulher solidária.

1.3.6 No livro do Apocalipse

João, o autor do livro do Apocalipse, usava na escrita de seus fragmentos uma linguagem simbólica que só os cristãos compreendiam. Ora, João estava preso e sua intenção era reforçar a fé e a esperança dos cristãos frente às perseguições e dificuldades em que se encontrava a Igreja primitiva. Parecendo ser um livro enigmático e misterioso, o livro do Apocalipse trás em cada número, cada imagem, cada ação, um significado próprio.

O capítulo 12 desse livro é um texto que deve ser interpretado sob dois aspectos: eclesiológico⁷ e mariológico. Porém, o que nos chama a atenção neste estudo, é o seu enfoque mariano. Vejamos:

E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça. E estava grávida, e com dores de parto, e gritava com ânsias de dar à luz. E viu-se outro sinal no céu; e

⁷ Que se refere às normas (cânones) da Igreja. (Em <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 15 jul. 2020).

eis que era um grande dragão [...]; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho. E deu à luz um filho homem que há de reger todas as nações com cetro de ferro. (BÍBLIA, Apocalipse, 12:1-5).

Estes versículos não narram o parto de Maria como nos pode parecer num primeiro momento, até porque tem como cenário o céu. Embora algumas dessas alegorias elencadas sejam atribuídas à Virgem, neste contexto, a figura da mulher é, primariamente, o símbolo do povo messiânico de Deus e da Igreja nascente. Secundariamente, a mulher do Apocalipse é a mãe de Jesus e de todos os seus seguidores. Como imagem da Igreja, a Virgem Maria é o prolongamento daquilo que ela representa nos escritos dos Evangelhos: a mãe de Jesus, a filha de Sião, e a mãe da humanidade. Isso implica que toda a Igreja é mariana, pois, pelo seu Sim, Maria se torna modelo permanente para toda a Igreja.

Colocados em oposição, a mulher e o dragão simbolizam as forças do bem e do mal, respectivamente. Ou seja, uma dualidade conflitante que a humanidade sempre enfrentou, mas assegurada nesta narrativa pela certeza que a Mulher-Maria – que intercede em favor dos homens – já recebeu de Deus a certeza da vitória, pois carrega uma coroa de doze estrelas (simbolizando as doze tribos de Israel e/ou os doze apóstolos de Jesus), sinal do poder real. Onde Maria está, proclama a ICAR, as chances e forças do mal são neutralizadas e destruídas.

1.4 Mariologia Patrística⁸

O período patrístico vai do princípio do cristianismo até o século VIII. O primeiro dos padres que falou de Maria foi Inácio de Antioquia (35-110), que revelava a certeza da concepção virginal, por considerar que o nascimento biológico de Jesus, ou seja, a maternidade de Maria, é a base inabalável e garantia da Encarnação do Filho de Deus e Salvação da humanidade. Assim, Maria está sempre relacionada com Cristo: sua maternidade e virgindade estão subordinadas à cristologia e a soteriologia⁹.

Embora de modo simples e breve, alguns autores antigos já destacavam o papel de Maria na Igreja, vejamos alguns exemplos: para Justino de Nablus (100-165), Maria tem, além da importância biológica para o nascimento de Jesus, uma outra responsabilidade: cooperar para a salvação do homem. Foi ele que primeiro mencionou Maria como a nova Eva, ao enfatizar que

⁸ É a sessão da Teologia que estuda o importante papel que autores antigos, chamados Padres da Igreja, desenvolveram no pensamento teológico sobre a Virgem Maria na vida de Cristo e da Igreja. (SILVA, 2012).

⁹ Doutrina da Salvação da humanidade por Jesus Cristo. (Ibid.).

pelo mesmo caminho que o homem foi mergulhado no abismo, ele será resgatado. Isto é, assim como a mulher Eva foi causa de perdição, a mulher, Maria, é a causa da salvação.

Em Irineu de Lião (130-202), a figura de Maria é indissociável ao mistério que salva e o seu ventre materno é considerado fonte de regeneração da humanidade em Deus: é Maria que desata os nós da desobediência de Eva trazendo a vida a todos os homens.

No século III, a pessoa de Maria é objeto de forte e aguçada atenção sob o aspecto teológico. Os elementos mais significativos são:

a) A Maternidade Divina de Maria – que encontra em Orígenes de Alexandria (185-253) a primazia em chamar Maria de “Theotókos” – Mãe de Deus. Pois, de acordo com Tertuliano (160-220), em Cristo coexistem em modo não confuso, duas realidades – a divina e a humana.

b) A Virgindade Perpétua de Maria – convicção de que Maria, depois de conceber virginalmente o Filho de Deus, não perdeu a sua virgindade após o parto.

Já no século V, o Concílio de Calcedônia (451) solenemente confessa que Maria é a Virgem, Mãe de Deus segundo a humanidade. Maria é tida como aquela que sendo envolvida em modo único e singular pelo Espírito Santo, dele concebe a encarnação do Verbo. A partir desse século, o culto público e a devoção em honra à Virgem Maria se tornaram mais difundidos e praticados pela Igreja.

O tema de Maria-Igreja entrou totalmente na reflexão patrística a partir do século VI, se baseando em Agostinho (354–430), que já enfatizava que a Igreja é superior a Maria, porque Maria é também um membro da Igreja, porém um membro mais alto e santo; além de Leão Magno (395–461), que já realçava a relação de semelhança entre elas apontando que, assim como Cristo nasceu do Espírito, no útero da Mãe Imaculada, o cristão também nasce no seio da Igreja.

Isidoro de Sevilha (560-636), no século VII, enaltece o nome de Maria, lhe concedendo três significados: “Iluminadora ou Estrela do Mar” porque Maria gerou a Luz do mundo; “Senhora”, pois ela foi a mãe do Senhor do mundo; e, “Santuário do Espírito Santo”, por causa da concepção virginal. Além disso, Isidoro é quem apresenta uma posição clara sobre o culto público da Igreja em relação a Maria, uma vez que ele mesmo nutria sentimentos de profunda admiração pela grandeza, santidade pessoal e cooperação perfeita que Maria prestou na obra divina para a salvação da humanidade.

Germano de Constantinopla (641-733) atesta a Assunção de Maria como verdade aceita pela Igreja, pois, Maria é chamada para ser a mediadora junto ao Senhor em favor dos homens, não se tratando, no entanto, de uma mediação “de necessidade absoluta”, mas querida por Deus.

Considerado o último grande padre da Igreja Grega e um dos mais eminentes de toda a Igreja, João Damasceno (675-749) sintetizou todo o ensinamento de séculos cristãos anteriores, e antecipou muito do que a Mariologia iria se desenvolver na Idade Média. Sua doutrina sobre a Virgem Maria abrange diversos aspectos: sua imaculada concepção, sua assunção ao céu, sua mediação e o seu culto.

Para Damasceno, Maria é uma criatura cheia de sublimes riquezas espirituais, tais como pureza e santidade. Sua concepção e nascimento ocorreram sob o impulso da graça, já que Ana, sua mãe, era estéril; e foi um desenvolvimento ausente da culpa e imperfeição; em virtude dos méritos de seu Filho Jesus.

Assunta aos céus de corpo e alma, João Damasceno justifica a glorificação de Maria pelos seguintes motivos: a) ela não poderia ter seu corpo decomposto em um túmulo, pois, uma vez que trouxera em seu seio o Criador, deveria habitar com seu corpo glorioso na casa de Deus; b) como esposa do Espírito Santo, escolhida pelo Pai, deveria entrar plenamente nos céus; c) como a Mãe de Deus, deveria participar da glória de seu Filho; d) deveria ser venerada por toda a humanidade, como sua mãe.

À Maria, João Damasceno atribui um grande poder de mediação em relação à salvação da humanidade e exorta os cristãos a se tornarem disponíveis à ação mediadora da Mãe do Senhor. Com relação ao culto mariano, Damasceno considera que Maria é grande e merece ser amada, venerada e invocada porque está intimamente ligada com o Deus feito homem: Jesus Cristo.

1.5 Mariologia Dogmática

Definidos pelo Magistério da Igreja, o Catecismo da Igreja Católica ressalta que “[...] os dogmas são luzes no caminho de nossa fé que o iluminam e o tornam seguro [...]”. (CIC, 2001, p.36, § 89). De outro modo, poderíamos conceituar o dogma como “[...] uma forma que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé, propõe verdades contidas na Revelação divina ou verdades que com estas têm uma conexão necessária”. (CIC, 2001, p.36, § 88).

São dogmas marianos, segundo a ICAR: a Maternidade Divina, a Imaculada Conceição, a Virgindade Perpétua e a Assunção ao Céu.

1.5.1 A Maternidade Divina

Segundo Nestório (428) – patriarca de Constantinopla – Maria não poderia ser chamada Mãe de Deus – *Theotókos* – mas tão somente Mãe de Cristo – *Christotókos*, porque ele acreditava que Cristo era um sujeito humano, unido, mas distinto do Verbo, e, portanto, não era o verdadeiro Deus. A atitude de Nestório provocou a necessidade da convocação de um Concílio para a elucidação dessa questão, e, em 431, o Concílio de Éfeso, declarou que Jesus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade é consubstancial¹⁰ ao Pai, por sua divindade, e é consubstancial conosco por sua humanidade, e que, embora unido por estas duas naturezas, é um só Senhor e um só Cristo e um só Filho. Compreendendo esta união em uma só Pessoa, temos que a Virgem Maria é *Theotókos* – Mãe de Deus – pois, o Verbo se encarnou e se fez homem, se uniu ao corpo de Maria e assumiu o corpo dela. Não bastassem os extensos estudos e as comprovações encontrados, a partir de um raciocínio lógico, a Igreja pode concluir: Se Jesus é Deus, e Maria é a Mãe de Jesus, logo, Maria é a Mãe de Deus:

Efectivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor. Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predilecta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem à todas as demais criaturas do céu e da terra [...]. (CDLG, 1964, § 53).

Contemporaneamente, João Paulo II, citando o Concílio Ecumênico da Calcedônia (451) reafirmou em sua Carta Encíclica *Redemptoris Mater* - CERM¹¹, a fórmula: “[...] proclamam a Virgem Maria verdadeira Mãe de Deus, por isso mesmo que nosso Senhor Jesus Cristo, nascido do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, [...] foi gerado pela Virgem Maria Mãe de Deus segundo a humanidade” (CERM, 1987, § 31).

1.5.2 A Imaculada Conceição

Reconhecida pela Igreja desde os seus primórdios e definida como dogma de fé, pelo Papa Pio IX, em 08 de Dezembro de 1854, na Bula Apostólica *Ineffabilis Deus*¹² - BAID, a Imaculada Conceição de Maria é sustentada pela declaração de que a Santíssima Virgem Maria,

¹⁰ Que está numa mesma substância. (Em <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 15 jul. 2020).

¹¹ Carta Encíclica ou Exortação Apostólica. *Redemptoris Mater* significa, Mãe do Redentor. (SILVA, 2012).

¹² Significa, Deus Inefável. Ou seja, indescritível; aquele do qual não se pode expressar com palavras. (Ibid.).

no primeiro instante de sua Conceção foi, por graça singular e privilégio do Deus onipotente, em previsão dos méritos de Jesus Cristo, preservada imune de toda a mancha de culpa original. Desse modo, a Igreja compreende que Maria não é uma criatura isenta de redenção. Ao contrário, ela é a primeira redimida por Cristo, em atenção aos méritos de seu Filho, o salvador do gênero humano.

Na Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, o sumo pontífice, João Paulo II ressalta: “O dogma da maternidade divina de Maria, por sua vez, foi para o Concílio de Éfeso e é para a Igreja como que uma chancela no dogma da Encarnação, em que o Verbo assume realmente, sem a anular, a natureza humana na unidade da sua Pessoa”. (RM, 1987, § 4). Ao que acrescenta:

Segundo a doutrina formulada em documentos solenes da Igreja, a “magnificência da graça” manifestou-se na Mãe de Deus pelo fato de ela ter sido “redimida de um modo mais sublime”. Em virtude da riqueza da graça do amado Filho e por motivo dos merecimentos redentores d'Aquele que haveria de tornar-se seu Filho, **Maria foi preservada da herança do pecado original** (grifo nosso). Deste modo, logo desde o primeiro instante da sua concepção, ou seja, da sua existência, ela pertence a Cristo, participa da graça salvífica e santificante, e daquele amor que tem o seu início no “amado Filho”, no Filho do eterno Pai que, mediante a encarnação, se tornou o seu próprio Filho. (CERM, 1987, §10).

1.5.3 A Virgindade de Maria

Por natureza, virgindade e maternidade se excluem numa mesma mulher. A exceção, segundo a ICAR é Maria. Descrito por Inácio de Antioquia no ano 107 e ensinado por Tomás de Aquino (1225-1274), dentre outros, o Papa Paulo IV reafirmou em 1555, no Concílio de Trento, o dogma da Virgindade de Maria. Por meio dele, a Igreja deseja demonstrar que Deus quis reunir milagrosamente estes atributos na sua Mãe. A virgindade de Maria está presente numa larga série de testemunhos da Igreja Primitiva, no Magistério da Igreja, desde o Símbolo Apostólico¹³ até a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*¹⁴ - CDLM, do CVII, na Bíblia e na Tradição Apostólica.

Segundo o AT narra, Isaías profetiza que “[...] uma virgem conceberá e dará à luz um filho, que será chamado Emmanuel” [Deus conosco]. (BÍBLIA, Isaías, 7:14). A confirmação dessa profecia se encontra no NT, em Lucas, onde o evangelista narra que um anjo de Deus (Gabriel) foi enviado a Maria, e dialogando com ela, disse: “ O Espírito Santo descera sobre ti,

¹³ Conhecida como Profissão de Fé ou Creio, o Símbolo Apostólico é uma síntese da fé católica expressa em fórmulas breves e normativas. Este resumo da fé encerra em algumas palavras todo o conhecimento da verdadeira piedade contido no Antigo e no Novo Testamento. (CIC, 2001, p. 60, § 186).

¹⁴ Significa, Luz dos Povos, se referindo a Jesus Cristo. (SILVA, 2012).

e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus”. (BÍBLIA, Lucas, 1:35). Além desta, outra passagem bíblica do mesmo evangelista, testifica a virgindade de Maria quando ela “[...] perguntou ao anjo: Como se fará isso, pois não conheço homem?” (BÍBLIA, Lucas, 1:34). Essa pergunta é interpretada pelos autores católicos como a expressão da vontade de Maria em permanecer virgem já antes do anúncio do anjo. A partir das evidências desses relatos, o Catecismo atesta: “Maria permaneceu Virgem concebendo seu Filho, Virgem ao dá-lo à luz, Virgem ao carregá-lo, Virgem ao alimentá-lo de seu seio, Virgem sempre”. (CIC, 2001, p. 143, § 510).

O parto virginal está atrelado ao milagre que a Igreja proclama afirmando que longe de depreciar a integridade do corpo de sua Mãe, Jesus deixou-a intacta ao nascer, e que também considera que este prodígio vem representado por uma ilustração que facilita a sua compreensão: milagrosamente, Jesus nasceu como a luz do Sol que passa através de um cristal, sem o romper nem manchar. Onde só se é possível visualizá-lo com os olhos da fé.

Os antigos Padres aplicam à virgindade perpétua de Maria, o escrito bíblico de Ezequiel, que afirma: “[...] Esta porta há de estar fechada para sempre, não se abrirá nem entrará por ela homem algum, porque entrou por ela Yahvé¹⁵”. (BÍBLIA, Ezequiel, 44:2).

Por outro lado, sabemos que a própria ICAR encontrou dificuldades em afirmar a Virgindade de Maria, em seus primórdios, pois, o NT faz referência a possíveis irmãos de Jesus. O tema é especialmente delicado para a devoção mariana: se Jesus tinha irmãos, sua mãe obviamente não se manteve sempre virgem. Baseada em Marcos, 6:3, onde o evangelista fornece uma lista de nomes de irmãos de Jesus, e em Lucas 2:7 que chama Jesus de “primogênito”, a Igreja se empenhou em esclarecer essas questões. O termo “irmãos”, segundo estudiosos, era usado tanto com o sentido de consanguíneo, como de membro da comunidade de fé, portanto, os que seguiam e seguem Jesus são seus irmãos. Ao se referir ao parentesco, “irmão”, expressa, por vezes, primo, tio, sobrinho e outros parentes. Quanto ao uso do termo “primogênito” ele significa: filho não precedido por outro, e que prescinde da existência de outros filhos.

Desfeitas essas dúvidas, o Catecismo, exorta: “Maria é virgem porque sua virgindade é o sinal de sua fé, absolutamente livre de qualquer dúvida, e de sua doação sem reservas à vontade de Deus. É a sua fé que lhe concede tornar-se a Mãe do Salvador”. (CIC, 2001, p. 142, § 506).

¹⁵ Yahvé é um dos nomes que a tradição judaico-cristã atribui a Deus, na Bíblia. Transliterado, tornou Javé ou Jeová. (SILVA, 2012).

Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, redigida por ocasião do CVII, a Igreja professa: “Querendo Deus, na Sua infinita benignidade e sabedoria, levar a cabo a redenção do mundo, [...] enviou Seu Filho, nascido de mulher [...] que, desceu dos céus e encarnou na Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo”. (CDLG, 1964, cap. VIII, § 52). Este divino mistério, recomenda a Igreja, deve ser acreditado e vivenciado por todos os fiéis, que “aderindo à cabeça que é Cristo, [...] devem também venerar a memória em primeiro lugar da gloriosa sempre Virgem Maria Mãe do nosso Deus e Senhor Jesus Cristo.” (CDLG, 1964, cap. VIII, § 52).

1.5.4 A Assunção de Maria

O dogma da Assunção da Virgem Maria foi proclamado pelo Papa Pio XII, em 1º de novembro de 1950, por meio da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*¹⁶ - CAMD, que define:

Depois de elevar a Deus muitas e reiteradas preces e de invocar a luz do Espírito da Verdade, [...] pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que a Imaculada Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, terminado o curso da sua vida terrena, foi assunta em corpo e alma à glória do céu. (CAMD, 1950, § 44).

Ora, a glorificação corporal antecipada de Maria é consequência da sua maternidade divina, afirma o papa João Paulo II: “A Maternidade divina, que fez do corpo de Maria a morada imaculada do Senhor, funda o seu destino glorioso”. (JOÃO PAULO II, Audiência Geral, 1977). As palavras do papa João Paulo II reafirmam a CAMD, que anuncia:

[...] a augustíssima Mãe de Deus, associada a Jesus Cristo de modo insondável desde toda a eternidade [...], imaculada na sua concepção, sempre virgem, na sua maternidade divina, [...] alcançou por fim, como suprema coroa dos seus privilégios, que fosse preservada da corrupção do sepulcro, e que, à semelhança do seu divino Filho, vencida a morte, fosse levada em corpo e alma ao céu, onde refulge como Rainha à direita do seu Filho, Rei imortal dos séculos. (CAMD, 1950, § 40).

Esse dogma representa o desejo da Igreja em “adornar com esta pedra preciosa a fronte da Virgem santíssima, e deixar um monumento, mais perene que o bronze, da nossa ardente devoção para com a Mãe de Deus”, enfatiza a Constituição. (CAMD, 1950, § 53).

¹⁶ Munificentíssimo: substantivo superlativo que designa aquele que é magnânimo, generoso, dadivoso, bondoso. O termo significa: Generosíssimo Deus. (SILVA, 2012).

Apontados o lugar e a missão da Virgem Maria na história do Catolicismo, mediante argumentos elencados a partir de textos bíblicos, da Teologia e da Tradição da Igreja, buscaremos demonstrar no próximo capítulo, a maneira particular da Igreja em honrar e venerar a Mãe de Jesus. A devoção à Virgem Maria embora não seja exclusiva da grande massa dos católicos, aqui será abordada de maneira a refletir a identidade destes. Todavia, considerada como ponto de união entre o céu e a terra, Maria é, para seus devotos, a porta de entrada para assimilar o Evangelho – aspecto que a Igreja aprova e incentiva.

A piedade popular mariana, com seus ritos, orações e cânticos característicos, reforçam a necessidade e a coerência em adotar para si o uso do termo “devoção mariana”, pois, dotada de peculiar simplicidade, essa forma de devoção se evidencia dentre as demais.

Oração a Nossa Senhora Desatadora dos Nós

Virgem bendita, soberana Senhora e mãe dos
pecadores.

Confio e recorro a tua proteção neste momento
de grande aflição e angústia.

Querida Mãe, toma -me sob o teu amparo e
sede consolo para o meu coração pecador.

Maria Desatadora dos Nós, fonte riquíssima de
graças e de bondade, socorrei-me!

Auxiliai-me nos intrincados problemas da
minha vida, Santa Esperança e sublime
conselheira das famílias.

Prostrado(a) aos teus pés, venho suplicar-te ó
Virgem Imaculada, que desate os nós da minha
vida que tanto me flagelam... (pede-se a
graça).

Refugio-me sob a tua imensa misericórdia e
abrigo-me sob o teu manto, cheio(a) da mais
viva confiança que serei atendido(a) em
minhas humildes súplicas.

Livrai-me das tentações e alcançai o perdão
dos meus pecados junto a Teu amado Filho
Jesus.

Nunca me desampare, mãe medianeira e
intercessora.

Amém!

(Nilce Alves Gomes)

Capítulo 2 – DEVOÇÃO MARIANA

2.1 Maria na piedade popular e o posicionamento da Igreja

Na Exortação Apostólica ou Carta Encíclica “*Evangelii Gaudium*”¹⁷ – CEEG, o papa Francisco enfatiza a relevância da piedade popular no processo de evangelização atual:

Cada povo é o criador da sua cultura e o protagonista da sua história [...]. Cada porção do povo de Deus, [...] dá testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si. [...] . Aqui ganha importância a piedade popular, verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus”. (CEEG, 2013, §122).

Adiante, no mesmo documento, o papa declara:

[...] na piedade popular, por ser fruto do Evangelho inculturado, subjaz uma força ativamente evangelizadora que não podemos subestimar: seria ignorar a obra do Espírito Santo. Ao contrário, somos chamados a encorajá-la e fortalecê-la para aprofundar o processo de inculturação, que é uma realidade nunca acabada. As expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização”. (CEEG, 2013, §126).

Mediante o assentimento da Igreja, a piedade popular tem se enraizado e edificado o povo de Deus em sua caminhada religiosa. No entanto, a piedade popular mariana possui significados particulares em razão de constituir uma confissão de fé em Jesus - da sua encarnação à redenção dos homens; de ser um hino de louvor à glória de Deus; e, de demonstrar a exaltação da Mulher que serviu a Deus e a toda humanidade.

Maria é uma presença viva, forte, exemplar e protetora, para quem nela confia. Ela orienta e conduz seus filhos a Jesus Cristo, uma vez que eles a reconhecem como mãe e a compreendem a partir da fé que nutrem seus corações. Além disso, o povo se identifica com a Virgem Maria por seu comportamento totalmente humano, simples e humilde. Mãe de Deus e dos crentes, Maria é vista como aquela que manifesta o poder infinito do amor de Deus, por isso, é a medianeira e dispensadora de todas as graças, pois, através dela, Deus veio até os homens – pela encarnação de Jesus – e continua atuando no meio do povo sofrido e angustiado por seus problemas.

¹⁷ Ou a “Alegria do Evangelho” é a primeira Carta Apostólica do Papa Francisco, datada de 2013, e fala sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. (SILVA, 2012).

O termo “medianeira ou mediadora” designa aquela pessoa que tem como ocupação unir duas ou mais pessoas entre si. Do mediador se exige duas características: que ele seja partícipe das partes que vai unir e, ao mesmo tempo que seja distinto delas sob algum aspecto. Maria Santíssima atende perfeitamente estes pré-requisitos, uma vez que se encontra no meio - entre os homens e Deus. Primeiro, por ser humana, é semelhante aos homens e distinta de Deus. Segundo, por ser a Mãe de Deus, é distinta de todos os homens.

Cumprindo o ofício de unir, foi pelo seu *Fiat*¹⁸ que Maria contribuiu para que o Filho de Deus assumisse a natureza humana, colaborando para que Deus se aproximasse do homem, e ao mesmo tempo, para que o homem se unisse a Deus. Por sua mediação materna, Maria exerce, ao mesmo tempo, dupla função: intercede diante de seu Filho por todos os homens e concede a esses as graças necessárias para a salvação eterna.

A esse respeito, pronuncia a Igreja:

De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira. (CDLG, 1964, § 62).

Cautelosamente, a ICAR orienta e alerta para que não se reduza a mediação de Maria somente ao segundo aspecto. Pois, uma vez que Maria une os dois extremos – os homens e Deus –, e, o primeiro aspecto é fundamento do segundo [seguindo a analogia da redenção], não podemos dissociá-los.

Além disso, Maria é considerada a mulher compreensiva e atenciosa que concede favores. A maternidade da Virgem Maria, com sua excepcional santidade, fazem-na próxima e familiar daqueles que a ela recorrem, quer seja nos momentos de alegria ou nas situações de extrema necessidade, pois, em virtude de ter experimentado enormes provações, abandono e sofrimento, ela tornou-se um símbolo da tragédia humana, e ao mesmo tempo, motivo de consolo, conforto e refúgio.

¹⁸ Significa “Faça-se” em latim. (Em <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 15 jul. 2020).

2.2 A oração mariana

Diferente da oração particular e da litúrgica, a oração popular se coloca entre elas. Por oração particular se compreende aquela que é individual, íntima. Já a oração litúrgica é aquela que, mesmo concedendo a Maria um lugar especial, não a tem como finalidade última, mas somente Deus, objeto primeiro e supremo da liturgia da Igreja. Sobre o culto mariano, a Igreja atesta: “[...] embora inteiramente singular, [ele] difere essencialmente do culto de adoração que se presta ao Verbo encarnado e igualmente ao Pai e ao Espírito Santo, mas o favorece poderosamente”. (CDLG, 1964, § 66).

Na Igreja, a veneração a Virgem Maria recebe o nome de hiperdulia¹⁹, situada entre a latría - a adoração que se deve unicamente a Deus - e a dulia – a veneração aos santos e aos anjos. As orações e o culto a Maria obedecem ao calendário litúrgico²⁰ romano, acrescido daquele de cada diocese²¹. Dentre as diversas solenidades e festas marianas, destacam-se: a da Imaculada Conceição, a da Anunciação, a de Santa Maria Mãe de Deus, a da Assunção ao Céu, além de diversos títulos que cada bispado celebra, como por exemplo o de Nossa Senhora Desatadora dos Nós, de Nossa Senhora do Carmo [padroeira da cidade de Uberlândia], de Nossa Senhora Aparecida [padroeira do Brasil], de Nossa Senhora da Abadia [padroeira do Triângulo Mineiro], dentre muitos outros.

Quando não se comemora uma outra solenidade, festa ou memória obrigatória, a Igreja exalta a memória da Virgem Maria, aos sábados. Ora, sendo o domingo o dia dedicado ao Senhor Jesus – por causa da sua Ressurreição – à sua Mãe, a Igreja dedica os sábados – por ser a mulher de fé forte que esperou vigilante a Ressurreição de Cristo. Não obstante, a piedade popular também é sensível ao dia de sábado, como o dia de Maria, através de específicos exercícios piedosos compostos precisamente para esse dia: os tríduos, as novenas, a contemplação dos mistérios gozosos no Santo Rosário, etc.

A oração popular mariana é simples e espontânea, e é expressa de diversas formas, partindo das orações tradicionais, como a Ave Maria, a Salve Rainha, o Santo Rosário, a ladainha de Nossa Senhora; passando pelos ícones marianos, tais como as medalhas, os

¹⁹ Culto de veneração atribuído unicamente à Maria, porque ela é mais intercessora sozinha, do que todos os santos e anjos reunidos, professa a ICAR. (SILVA, 2012).

²⁰ Cronograma de cerimônias, festas, solenidades e memórias obrigatórias da ICAR. Diferentemente do calendário civil que se inicia em 1 de janeiro e se encerra em 31 de dezembro de cada ano, o calendário litúrgico começa quatro semanas antes do Natal, isto é, no primeiro domingo do Advento e termina na última semana do Tempo Comum, isto é, na última semana antes do Advento. (Ibid.).

²¹ Diocese, Bispado ou Prelazia, é a divisão territorial entregue pelo Papa à administração eclesiástica de um determinado bispo. (Ibid.).

escapulários e as imagens; fazendo procissão, peregrinação e visitas a santuários; acendendo uma vela; se inclinando e beijando uma imagem que representa a Virgem; e, entoando hinos e cânticos pertinentes. Porém, a Igreja ensina que por ocasião dessas preciosas orações, o fiel jamais deve perder de vista o seu caráter cristológico [relativo a Cristo e ao seu plano de salvação]: Maria é o meio – o caminho que conduz a Jesus. Portanto, as devoções marianas devem sempre expressar e ressaltar a Santíssima Trindade, sem abster-se de recorrer constantemente à Sagrada Escritura, à profissão de fé da Igreja, e à responsabilidade missionária de todo fiel em testemunhar e proclamar a Verdade do Evangelho: Jesus Cristo.

Claramente, o Catecismo apoia e orienta as diversas formas de piedade popular desde que sejam embasadas no evangelho: “[...] à luz da fé, a Igreja favorece as formas de religiosidade popular que exprimem um instinto evangélico e uma sabedoria humana e que enriquecem a vida cristã”. (CIC, 2013, p.458, § 1679).

2.2.1 A Ave Maria²²

A oração da Ave Maria como fórmula devocional se consolidou entre os cristãos a partir do século XI, por volta do ano de 1050. Ela é o pilar central dessa devoção católica. Assim diz o Catecismo: “ Em virtude da cooperação singular da Virgem Maria com a ação do Espírito Santo, a Igreja gosta de rezar em comunhão com ela, para exaltar com ela as grandes coisas que Deus realizou nela e para confiar-lhe súplicas e louvores”. (CIC, 2013, p. 688, § 2682).

Os dois principais versículos que compõem a oração da Ave Maria, são do evangelista Lucas. A primeira parte da oração vem da Anunciação, quando o anjo Gabriel saudou Maria dizendo: “Ave, cheia de graça, o Senhor é convosco”! (BÍBLIA, Lucas, 1:28). A segunda, vem da Visitação, quando Isabel cumprimentou Maria: “Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre”! (BÍBLIA, Lucas, 1:42).

Inicialmente, a oração era conhecida como “Saudação à Santíssima Virgem” e consistia somente nos dois versículos unidos. Porém, não demorou muito para que a segunda metade da oração fosse incluída. Oficialmente, a oração da Ave Maria só foi finalizada após a publicação do Catecismo do Concílio de Trento, sendo incluída no Breviário Romano de 1568.

Quando se recita a primeira parte desta oração, se rende a Deus o mais sublime louvor; se agradece a ele os dons celestiais dispensados a Maria; além de se reverenciar à própria

²² Alegra-te, Maria. (SILVA, 2012).

Virgem, por gozar de tamanha predileção divina. A segunda parte, que coube à Igreja proclamar, apresenta os pedidos dos filhos à Mãe, cujo auxílio se recorre humildemente, para que ela interceda em favor dos crentes e obtenha as graças que necessitam nesta vida e na futura. Desse modo, a oração da Ave Maria expressa o amor pela Virgem por meio das palavras da Sagrada Escritura e clama a sua ajuda nos momentos de dificuldade.

Eis a fórmula completa: “Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco! Bendita sois vós entre as mulheres e Bendito é o Fruto do vosso ventre, Jesus! Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém”. (CIC, 2013, p. 686-687, § 2676-2677).

2.2.2 A Salve Rainha

A Salve Rainha, além de ser uma das mais complexas orações marianas, pois utiliza uma linguagem pomposa e rebuscada, é também uma das mais belas orações cristãs. Não havendo a certeza da sua autoria, ela é creditada a um monge alemão beneditino, Hermano Contracto (1033-1054), segundo alguns historiadores, e, segundo outros, ao bispo dom Ademar de Monteuil (? -1098). Ao primeiro, que era deficiente físico, se alega a composição desta oração em 1050, numa época de grandes calamidades naturais, epidemias, fome e miséria na Europa Central, e por causa dos sofrimentos e esperanças pessoais que o monge vivia devido às suas limitações físicas. Ao segundo, que participou da primeira cruzada – que defendia os peregrinos que iam à Terra Santa, das ameaças da viagem – se declara que a oração foi composta como um hino dos cruzados frente ao perigo.

De qualquer modo, na véspera do Natal de 1146, embora a “Salve-Rainha” já tivesse se popularizado entre os cristãos, o abade²³ Bernardo de Claraval (1090-1153) acrescentou ao final da fórmula original, a tríplice invocação que hoje conhecemos: “Ó Clemente, Ó piedosa, Ó doce sempre Virgem Maria!”. A oração diz:

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, Vida, doçura e esperança nossa, salve! A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A Vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa. Esses Vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e, depois desse desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do Vosso ventre. Ó

²³ Clérigo, padre, confessor, superior de determinada ordem religiosa. (Em <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 15 jul. 2020).

Clemente, Ó Piedosa, Ó Doce Sempre Virgem Maria! Rogai por nós Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém. (RCC, 1999, p. 17).

Essa oração revela o clamor desesperado daquele que grita por socorro à Virgem Maria, suplicando a sua mediação. Como filho arrancado de sua terra natal, despatriado, refugiado, e, portanto, apartado da graça de Deus pelo pecado da primeira mulher - Eva, o fiel clama à Virgem de Nazaré, que lance sobre ele um olhar compassivo e lhe devolva a amizade desfeita para com o Criador, por meio da bondade de Jesus que redime todos os pecadores e seus pecados. Pois, a solidão que o exilado enfrenta, o faz desejar retornar aos braços do Pai. Como na “Ave-Maria”, a oração da “Salve-Rainha” revela súplicas para essa vida terrena e para a vida no céu, onde se cumprirão as promessas de Cristo [a Ressurreição dos mortos, para os que nele creem]. Por fim, na oração da Salve-Rainha, Maria é invocada e exaltada como remédio que cura as feridas humanas; como benefício que na aflição, se espera de Deus; como dom grandioso, que ansiosamente seus filhos desejam alcançar.

2.2.3 A oração “Maria passa na frente”

Essa oração é um alento para os fiéis que diante das adversidades, suplicam à Virgem Mãe que os proteja, conduza e abra os seus caminhos:

“Maria, passa na frente e vai abrindo estradas e caminhos. Abrindo portas e portões. Abrindo casas e corações! A Mãe vai à frente, e os filhos protegidos seguem seus passos. Maria, passa à frente e resolve tudo aquilo que somos incapazes de resolver. Mãe, cuida de tudo o que não está ao nosso alcance. Tu tens poder para isso! Mãe, vai acalmando, serenando e tranquilizando os corações. Termina com o ódio, os rancores, as mágoas e as maldições! Tira teus filhos da perdição! Maria, tu és Mãe e também Porteira. Vai abrindo os corações das pessoas e as portas pelo caminho. Maria, eu te peço: passa na frente. Vai conduzindo, ajudando e curando os filhos que necessitam de ti. Ninguém foi decepcionado, depois de ter invocado a tua proteção. Só a Senhora, com o poder de teu Filho, Jesus, pode resolver as coisas difíceis e impossíveis. Amém”! (RCC, 1999, p.30).

Imagem 1 – Maria, passa na frente



Fonte: Site Cruz Terra Santa²⁴

Nessa imagem, a Virgem tem os olhos fixos à frente, encarando o caminho certo a percorrer. O pé direito de Maria e a inclinação de sua perna mostram a posição de quem caminha. Com sua mão esquerda, ela segura a mão direita de seu Filho Jesus, significando que, apesar de Mãe, Maria é discípula e submissa a Ele. Pois, quem guia, na verdade, é Ele – o Mestre. A mão direita de Maria está voltada para trás, à espera da mão daquele que crê, ávido de felicidade verdadeira, paz e salvação. Segurar na mão da Mãe e permitir que ela vá à frente das dificuldades é reconhecer que ela pode muito mais que qualquer outro ser humano e quer guiar seus filhos pela vida.

A túnica vermelha de Maria significa sua virgindade e pureza. Já o manto azul sobre a túnica significa a maternidade de Maria. Na iconografia cristã somente Nossa Senhora veste essas cores, pois, somente ela é Virgem e Mãe ao mesmo tempo. O detalhe dourado do manto de Maria significa sua realeza. A cor branca no véu de Maria e na túnica do Menino Jesus simbolizam o amor divino: uma vez que a lógica do pensamento de Maria é o amor, e Jesus é a pura demonstração do amor de Deus para com a humanidade.

²⁴ Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-maria-passa-na-frente/507/103/>. Acesso em 08 ago. 2020.

Mas, somente em 2002, a Igreja se deu conta de que a vida pública de Jesus havia sido deixada de fora das contemplanções do Rosário Mariano. Então, o papa João Paulo II (1920-2005), incluiu a reflexão aos Mistérios Luminosos, literalmente, trazendo à luz, os momentos mais significativos da vida adulta de Jesus.

2.2.5 Cânticos Marianos

Desde os primeiros séculos da Igreja, hinos e canções marianos são frequentemente usados nas celebrações litúrgicas e nos cultos de piedade popular. Considerado, por excelência, o Cântico de Maria, o Magnificat é o hino mais antigo que continua a ser amplamente utilizado até hoje pelos católicos romanos, anglicanos e ortodoxos orientais. A partir do século XIII, quando iniciou o crescimento das devoções marianas, os hinos compostos para Mãe de Deus também tiveram uma elevação numérica considerável. Pois, além de ser um fenômeno religioso, o canto mariano é considerado por muitos estudiosos como o fruto de um imaginário sedento de um futuro diferente da realidade vivenciada pela maioria dos homens.

Na contemporaneidade, existe uma vasta coletânea de músicas simples, com ritmos populares, que recordam a figura da Mãe de Jesus, apresentando uma riqueza de detalhes que enaltecem o poder, a dominação e a influência de Maria na vida de seus filhos. Esses cantos valorizam o aspecto maternal da Virgem Maria, além de expressar as súplicas daqueles que necessitam da orientação, do consolo, do sorriso e do olhar da Mãe de Deus.

Imagem 3 – Maria e o Menino Deus



Fonte: Site Catolicismo Romano²⁷

²⁷ Disponível em: <https://www.catolicismoromano.com.br/iconografia-da-virgem-maria-artigo-escrito-pela-catequista-monica-romano/>. Acesso em 12 ago. 2020.

Baseada na narrativa Bíblica do evangelista Lucas, no capítulo 1, versículos de 46 a 55, elegemos e apresentamos uma das versões do canto do Magnificat:

O Cântico de Maria (WALMIR ALENCAR, 2008)

A minha alma engrandece e glorifica ao Senhor
 Meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador
 Meu Salvador, meu Salvador, meu Salvador, meu Salvador
 Ele olhou minha pequenez, fez-me bendita entre as nações
 Realizou em mim maravilhas o poderoso

Poderoso, poderoso, poderoso, poderoso
 A sua misericórdia é de geração em geração
 Sobre os que temem aquele, cujo nome é santo
 É santo, é santo, é santo, é santo

Agiu com poder, com o seu braço forte
 Orgulhosos dispersou, poderosos destronou
 Exaltou os humildes, saciou os famintos
 Despediu os ricos sem nada
 Lembrou-se do amor a Israel, o seu servo
 Conforme prometeu outrora a nossos pais
 Em favor de Abraão e sua posteridade
 Para todo o sempre
 Para sempre, para sempre, para sempre, para sempre

Meu Salvador
 Meu Salvador, poderoso, cujo nome é santo para sempre
 Meu Salvador
 Meu Salvador
 (Poderoso) poderoso
 (Santo) cujo nome é Santo para sempre, sempre

A Mãe de Jesus viveu no Oriente Médio, na Palestina, situada na região da Galileia, na pequena cidade de Nazaré. Dentre os mais de dois mil títulos que homenageiam a Virgem, “Maria de Nazaré” é mais uma de suas epígrafes, em referência à sua terra natal.

Neste canto, o autor retrata a imagem da Mãe de Jesus destacando sua pureza e entrega a Deus, ao mesmo tempo que contempla sua escolha, por Deus e sua eleição, pelo povo católico:

Maria de Nazaré (Pe. ZEZINHO, 1974)

Maria de Nazaré
 Maria me cativou
 Fez mais forte a minha fé
 E por filho me adotou

Às vezes eu paro, eu fico a pensar
 E sem perceber me vejo a rezar
 O meu coração se põe a cantar
 Pra virgem de Nazaré

Menina que Deus amou e escolheu
 Pra mãe de Jesus, o filho de Deus
 Maria que um povo inteiro elegeu
 Senhora e mãe do céu

Maria que eu quero bem
 Maria do puro amor
 Igual à você, ninguém
 Mãe pura do meu Senhor

Em cada mulher que a terra criou
 Um traço de Deus, Maria deixou
 Um sonho de mãe, Maria plantou
 Para o mundo encontrar a paz

Maria que fez o Cristo falar
 Maria que fez Jesus caminhar
 Maria que só viveu para seu Deus
 Maria do povo meu

Ave, Maria (3x)
 Mãe de Jesus

Por sua vez, a letra da canção “Senhora e Rainha” nos apresenta Maria como intercessora, mãe e rainha que tem a sua imagem coroada na terra, mas que aos olhos daquele que crê, é homenageada e coroada também nos céus.

Senhora e Rainha (Pe. ZEZINHO, 1998)

O povo te chama de Nossa Senhora
 Por causa de Nosso Senhor
 O povo te chama de Mãe e Rainha
 Porque Jesus Cristo é o Rei do céu
 E por não te ver como desejaria
 Te vê com os olhos da fé
 Por isso ele coroa a tua imagem Maria
 Por seres a mãe de Jesus
 Por seres a mãe de Jesus de Nazaré

Como é bonita uma religião
 Que se lembra da mãe de Jesus
 Mais bonito é saber quem tu és
 Não és deusa, não és mais que Deus
 Mas depois de Jesus, o Senhor
 Neste mundo ninguém foi maior

Aquele que lê a palavra Divina
 Por causa de Nosso Senhor
 Já sabe que o livro de Deus nos ensina
 Que só Jesus Cristo é o intercessor
 Porém se podemos orar pelos outros
 A Mãe de Jesus pode mais
 Por isto te pedimos em prece oh! Maria
 Que leves o povo a Jesus
 Porque de levar a Jesus, entendes mais

Como é bonita uma religião
Que se lembra da mãe de Jesus
Mais bonito é saber quem tu és
Não és deusa, não és mais que Deus
Mas depois de Jesus, o Senhor
Neste mundo ninguém foi maior.

A título de exemplificação, os cânticos aqui transcritos, representam um insignificante número diante dos milhares de louvores populares cantados em honra da Virgem Maria no mundo inteiro. A frase atribuída a Santo Agostinho que diz que “quem canta, reza duas vezes” (CIC, 2001, p.325, § 1156) se aplica perfeitamente ao povo católico e sua devoção mariana.

Depois de exemplificarmos por meio de fórmulas aprovadas pela Igreja, alguns modelos de orações e cantos usados no culto à Virgem Maria, apontaremos, por fim, como se originaram diversos comportamentos que orientaram as civilizações de todos os tempos a partir das ações atribuídas aos mitos; e, que exercem, ainda hoje, forte influência sobre o nosso modo de pensar e agir.

Assim sendo, enumeraremos aspectos semelhantes e divergentes que serviram para mistificar algumas divindades gregas e a Virgem Maria. Modestamente, tal conhecimento do sagrado tem por objetivo despertar a busca pela compreensão de nós mesmos, e, em última instância, o desejo de identificar e validar o papel da figura feminina ao longo dos séculos.

Conhecer as situações assumidas pelo homem religioso, compreender seu universo espiritual é, em suma, fazer avançar o conhecimento geral do homem. É verdade que a maior parte das situações assumidas pelo homem religioso das sociedades primitivas e das civilizações arcaicas há muito tempo foram ultrapassadas pela História. Mas não desapareceram sem deixar vestígios: contribuíram para que nos tornássemos aquilo que somos hoje; fazem parte, portanto, da nossa própria história.

(Mircea Eliade).

Capítulo 3 – MARIA E AS DEUSAS GREGAS

Situados entre a razão e a fé, os mitos estão presentes em quase todas as culturas e se caracteriza pela sua sacralidade. O historiador das religiões, Mircea Eliade, afirma: “O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo”. (ELIADE, 2013, p. 84). Sendo próprios de um povo, de uma civilização ou de uma religião, os mitos se referem à origem dos deuses, do mundo e à finalidade das coisas. Segundo Eliade: “É evidente que se trata de realidades sagradas, pois o sagrado é o real por excelência”. (ELIADE, 2013, p. 85), ou seja, tudo o que se refere à atividade criadora dos mitos é exemplar para os comportamentos e ações humanos, assegura-nos o autor. “Quanto mais é religioso tanto mais se insere no real e menos se arrisca em ações [...] aberrantes”. (ELIADE, 2013, p. 85-86). Isto é, o comportamento religioso auxilia o homem a manter a sacralidade no mundo.

Dentre as mitologias²⁸ que objetivavam explicar os fenômenos naturais, culturais ou religiosos que não tinham explicações habituais, consideraremos doravante, a mitologia grega. Datada de aproximadamente 700 anos a. C., o que conhecemos da vida cotidiana dos deuses helênicos veio principalmente de Hesíodo, com a Teogonia, e de Homero, com a Ilíada e a Odisseia.

Transmitidos inicialmente por tradição oral, as entidades divinas e/ou fantásticas, lendas e mitos eram povoados por deuses, semideuses e heróis, que, presentes nas aprendizagens, serviam como modelo de orientação no entendimento de fenômenos naturais e em outros acontecimentos alheios à intermediação humana. Desse modo, cada fenômeno ou evento era atribuído um deus ou criatura diferente.

Vivendo ao lado da tradicional mitologia, a filosofia também era, para esses povos antigos, um modo do homem se aproximar da sabedoria plena e completa que pertencia unicamente aos deuses, donde se tornar filósofo significava amor e desejo a essa sabedoria divina.

Cultuadores de uma religião politeísta, os gregos consideravam suas figuras mitológicas reais, enquanto hoje as consideramos como um conjunto de crenças fictícias enraizadas na necessidade de se criar rituais ou práticas vinculadas à espiritualidade daquele povo. Exercendo uma extensa influência sobre a cultura, as artes e a literatura da civilização

²⁸ Conjunto das narrativas fantásticas e simbólicas que explicam os fenômenos a partir de entidades sobrenaturais; o estudo desses mitos e de sua evolução. (Em <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 15 jul. 2020).

ocidental, a mitologia grega faz parte da herança que hoje desfrutamos, uma vez que ela sustenta a base do modo de pensar, dos valores, das atitudes, das ações e da linguagem contemporâneos, dentre outros.

O grego, a língua franca da Antiguidade, foi utilizada na escrita de inúmeros e importantes livros, inclusive na composição do Novo Testamento, que não foi escrito na linguagem que Jesus e seus discípulos falavam – o aramaico – como muitos imaginam. Desse modo, podemos compreender como e porquê diversas entidades mitológicas gregas acabaram por moldar vários conceitos cristãos. Não obstante, diversas festas em homenagem aos deuses gregos foram suplantadas por festas cristãs, que não por coincidência, se apossaram das datas comemorativas pagãs com o objetivo de obscurecê-las, tais como o Natal substituindo a Saturnália - em homenagem a Zeus²⁹, e a Páscoa, em sobreposição ao festival de Hilaria - em homenagem a Attis³⁰.

Doravante, é objetivo de nosso estudo – sem esgotar o vasto campo de pesquisa que o tema engloba – tecer alguns paralelos entre as características e atribuições das principais deusas da mitologia grega e a Mãe de Jesus, a Virgem Maria, que para alguns, é também considerada um mito. Tal enfoque se baseará, por um lado, em dados da literatura histórica da antiguidade, e por outro, em dados bíblicos, principalmente extraídos do Novo Testamento.

Diferentemente do princípio criador narrado em Gênesis – primeiro livro da Bíblia – os gregos não acreditavam num sopro vital através do qual, Deus – eterno – tivesse extraído luz do caos e a partir dela, realizasse o restante da criação. Segundo Robles, depois de 7 dias do início da criação – que em sentido figurado é sinônimo da perfeição divina – Deus, que já havia concluído a sua obra, descansou de sua tarefa e “a dinâmica do mundo adquiriu seu próprio ritmo e se estabeleceram para sempre os ciclos da vida e da morte”. (ROBLES, 2006, p. 31).

Todavia, para os gregos, a concepção de ordem surgiu a partir do silêncio que havia no abismo primordial, o qual seria a fonte do movimento e da vida. Robles afirma que “Hesíodo considera que do Caos surgiu Nix – o princípio, o impulso criador – que deu origem ao inferno,

²⁹ Rei dos deuses gregos e governante do Monte Olimpo, era o deus do céu, do raio, do trovão, da lei, da ordem e da justiça. Suas armas eram o Clarão, o Trovão e o Raio. Zeus foi o último filho dos titãs Cronos e Réia. Sedutor e infiel, Zeus teve diversas esposas: Métis, Thémis, Eurínome, Deméter, Leto, Mnemosyne e Hera. Sendo Deméter e Hera também suas irmãs. (Em: <https://mitologiagrega.net.br/>. Acesso em 20 ago. 2020).

³⁰ Deus da vegetação, automutilado (deceitou os próprios testículos), foi traído, martirizado, fixado a um árvore, morreu e ressuscitou após 03 dias. Representa os frutos da terra, que morrem no inverno para crescer novamente na primavera. (Ibid.).

à terra e ao céu – que, criaram sua própria descendência a partir das muitas formas de potência que tinham a capacidade de uma fecundidade secreta”. (ROBLES, 2006, p. 31).

A partir deste contexto, analisaremos a figura da mulher, que desde os primórdios está relacionada miticamente com a Terra: a fecundidade feminina e o nascimento tem um “modelo cósmico: o da *Terra Mater*, da Mãe Universal”. (ELIADE, 2010, p. 121). Autossuficientes, diversas deusas gregas geraram sem a ajuda dos deuses, e, Maria, sem conhecer homem algum.

Diante dessas importantes pontuações, cabe-nos agora, tecer alguns paralelos entre as figuras mitológicas propriamente ditas e a Mãe de Jesus. Porém, de antemão, convém ressaltar que o título de “deusa” jamais foi atribuído à Maria. Para a ICAR e seus fiéis há um único e poderoso Deus, criador de todas as coisas. Portanto, a Santíssima Virgem, é criatura. E como tal, recebe o culto que lhe é devido e ocupa o lugar que lhe cabe. Humilde, se fez serva de Deus e sua grandeza se deu em detrimento do Filho que ela concebeu para a salvação dos que creem.

Dentre as figuras mitológicas gregas destacaremos neste trabalho, as deusas: Afrodite, Ártemis, Atena, Gaia, Hera e Hebe, que, guardadas as devidas proporções, nos parecem contrapor – em vários aspectos – e ao mesmo tempo, assemelhar – em diversos outros – em suas atribuições, aspectos físicos e psicológicos à vida terrena de Maria.

3.1 Afrodite

Imagem 4 – Afrodite



Fonte: Site Mitologia e Arte³¹

³¹ Disponível em: <https://www.mitologiaearte.com/mitologia-grega/deusas-gregas-nomes/>. Acesso em 14 ago. 2020.

Afrodite é fruto da união entre o céu (Urano) e o mar. Nascida da espuma das águas do mar, seu nome significa “oriunda da espuma” ou “espuma do mar”. Do breve exposto, se justifica a imagem ora apresentada: uma deusa de extraordinária beleza surge sobre uma concha envolta pelas águas do mar. Além disso, Afrodite é a deusa do carinho e da excelência, representa a beleza física, o amor e o prazer carnal. Exerce uma profunda influência no prazer sexual e no desenvolvimento das pessoas. É considerada protetora das prostitutas. Ela é, ao mesmo tempo, mãe de deuses e também mãe de um simples mortal³².

Em contraposição, a Virgem Maria é a mulher casta, pura, Mãe do mais belo amor – divino e humano – Jesus Cristo. Abnegada aos prazeres mundanos, principalmente os sexuais, manteve-se Virgem antes, durante e depois do parto, e embora casada com José, concebeu e deu à luz por obra do Espírito Santo. Conforme relata-nos Lucas:

E disse Maria ao anjo: Como se fará isto, visto que não conheço homem algum? E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus. (BÍBLIA, Lucas 1:34-35).

Protetora e Mãe de todos os seres humanos, sem exceção, tem apreço por aqueles que, afastando-se do pecado, obedecem à vontade de seu Filho.

Ora, se Afrodite era mãe de deuses e também de um ser humano [Eneias], a maternidade de Maria foi ainda de maior complexidade. Pois ela é a Mãe de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, conforme afirma o Catecismo: “A Igreja confessa, assim, que Jesus é inseparavelmente verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Ele é verdadeiramente o Filho de Deus que se fez homem, nosso irmão, e isto sem deixar de ser Deus, nosso Senhor”. (CIC, 2001, p. 132, § 469). E prossegue: “Visto que o Verbo se fez carne assumindo uma verdadeira humanidade, [...] a Igreja sempre reconheceu que, no corpo de Jesus, Deus, que por natureza é invisível, se tornou visível aos nossos olhos”. (CIC, 2001, p.135, § 476-477).

Assim sendo, a Igreja proclama a inigualável maternidade da Virgem Maria, pois, seu Filho é verdadeiramente, o único que é Deus e homem ao mesmo tempo.

32 Mãe dos deuses: Eros, Anteros, Fobos, Deimos e Harmonia, filhos de seu amante Ares (deus da guerra) e mãe de um simples mortal – Eneias - filho de Anquises (príncipe de Tróia). (Em: <https://mitologiagrega.net.br/>. Acesso em 03 ago. 2020).

3.2 Ártemis

Imagem 5 – Ártemis



Fonte: Site Mitologia e Arte³³

Ártemis ou Artemísia é a deusa virginal da perseguição, associada à vida selvagem das antigas civilizações gregas, especialmente no que se refere às atividades de caça. Correndo livre pelas florestas, protege os animais e pune os caçadores que se divertem matando grávidas e filhotes. Seu principal símbolo é a lua crescente que representa energia, expansão, força e conquista dos objetivos. Associada à magia e ao universo lunar, Ártemis é filha de Zeus e Leto e irmã gêmea de Apolo. Seu nome significa: “manifestação luminosa de deus”, “luz suave do sol e do calor criador” e “segura”. Por tais motivos, é representada carregando um arco e flecha, iluminada sob a luz da lua crescente.

Antagonicamente, a Virgem Maria é a figura daquela que é procurada, de certo modo, “caçada”. Maria, José e Jesus foram perseguidos pelos soldados de Herodes que queriam matar o menino. Conforme narra Mateus: “Um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e lhe disse: Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito! Fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo”. (BÍBLIA, Mateus, 2:13). E adiante, o evangelista prossegue: “[...] levantando-se de noite, tomou o Menino e Sua Mãe e retirou-se para o Egito”. (BÍBLIA, Mateus, 2:14). Donde a Igreja passou a considerar a fuga para o Egito, como sendo

³³ Disponível em: <https://www.mitologiaearte.com/mitologia-grega/deusas-gregas-nomes/>. Acesso em 14 ago. 2020.

a segunda [das sete dores de Maria], recebendo a Virgem, o título de Nossa Senhora do Desterro.

Assim como Ártemis, a imagem de Maria Santíssima é também associada à lua, que representa sua soberania nos céus. Como Jesus é Luz – comparado ao Sol - Maria é comparada à Lua - aquela que reflete a luz solar. O livro do Apocalipse descreve: “E viu-se um grande sinal no céu; uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre sua cabeça”. (BÍBLIA, Apocalipse, 12:1).

Na tradição da Igreja, desde o século XIII, o mês de maio é por excelência, o mês consagrado à Virgem Maria, e não por acaso, em nossa cultura, também dedicado às mães e às noivas. Iniciada na antiga Grécia, por causa da dedicação do mês de maio à deusa Ártemis, a ideia de um mês consagrado especificamente a Maria surge com o intuito de suplantar aquelas festividades. As formas nas quais Maria é honrada nessa ocasião são variadas: por meio da oração de terços, de ladainhas, de altares enfeitados e da tradicional coroação de Nossa Senhora.

3.3 Atena

Imagem 6 – Atena



Fonte: Site Mitologia e Arte³⁴

Deusa da astúcia e da guerra, Atena é a representação da sabedoria e das artes. Filha de Zeus e Métis, ela é caracterizada como uma deusa virgem, bela guerreira e grande protetora dos

³⁴ Disponível em: <https://www.mitologiaearte.com/mitologia-grega/deusas-gregas-nomes/>. Acesso em 14 ago. 2020.

heróis escolhidos por ela e também de sua cidade, Atenas. É a filha preferida de Zeus. Entretanto, diz a lenda que a partir do momento que Métis ficou grávida, Zeus engoliu a esposa com medo de que a filha tivesse mais poderes que ele. Métis ocupou a cabeça de Zeus sendo que, com o tempo, ele passou a sentir fortes dores em seu crânio e solicitou a Hefesto que lhe desse uma machadada. Com isso, a deusa Atena, já em idade adulta, saltou de dentro da cabeça de Zeus, seu pai, portando escudo, elmo e armadura, que representam seu forte senso de justiça. Seu nome significa: “louvor aguçado”.

Além do aspecto virginal, outra semelhança entre a figura de Atena e a de Maria Santíssima está na sua predileção pelo pai. Assim como Zeus tem Atena como a filha favorita, Deus tem por Maria uma inclinação especial que culmina com a sua escolha para ser a Mãe do Salvador, conforme ressalta o evangelista Lucas:

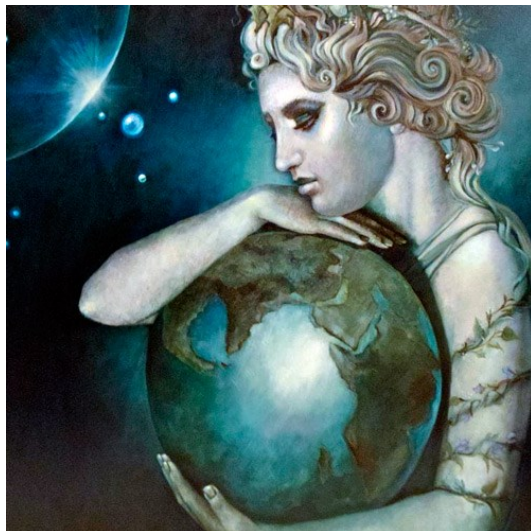
E, no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem, cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: **Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres** (grifo nosso). Perturbou-se ela com aquelas palavras, e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação. Disse-lhe, então, o anjo: **Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus** (id.). E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim. (BÍBLIA, Lucas, 1:26-33).

Também no cântico denominado Magnificat, onde Maria exalta a grandeza de Deus – o texto bíblico mais longo colocado na boca de Maria – que não fala de Maria, mas é Maria mesma que fala de Deus e das maravilhas que realizou nela, no mundo e no seu povo, se concretiza a simpatia e favoritismo que Deus tem por ela. Pois, só quem é escolhida é capaz de reconhecer a predileção que lhe é dirigida:

Então disse Maria: "Minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, pois atentou para a humildade da sua serva. De agora em diante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada, pois o Poderoso fez grandes coisas em meu favor; santo é o seu nome. A sua misericórdia estende-se aos que o temem, de geração em geração. Ele realizou poderosos feitos com seu braço; dispersou os que são soberbos no mais íntimo do coração. Derrubou governantes dos seus tronos, mas exaltou os humildes. Encheu de coisas boas os famintos, mas despediu de mãos vazias os ricos. Ajudou a seu servo Israel, lembrando-se da sua misericórdia para com Abraão e seus descendentes para sempre, como dissera aos nossos antepassados". (BÍBLIA, Lucas, 1:46-55).

3.4 Gaia

Imagem 7 – Gaia



Fonte: Site Mitologia Grega³⁵

Conhecida como a imensa mãe de todos e regularmente aludida como “Mãe-Terra”, Gaia é considerada uma deusa primordial. Recebe esta importância por ser a geradora de todos os deuses, atuando de forma conjunta com os demais elementos da criação (o mar, o céu e o ar). Essa deusa existe desde o alvorecer da criação, tendo nascido do caos universal em união com a ordem. Além de criadora, ela também é a deusa protetora, não apenas dos deuses, mas de todos os mortais, uma vez que a Mãe Gaia gerou a humanidade também. A imagem de Gaia é representada com feição maternal e corpo forte que emerge da Terra. Seu nome significa: “Terra”.

No caso de Maria, aos pés da cruz de seu Filho Jesus, ela recebe dele a incumbência de proteger a humanidade. Na qualidade de mãe adotiva dos homens, Maria é acolhida pelo apóstolo João – aquele que Jesus amava – que a levou para sua casa e dela cuidou. No texto da narrativa da paixão e morte de Jesus Cristo encontramos as últimas palavras do crucificado, se referindo à sua Mãe e à maternidade espiritual que ele lhe confiara: “Mulher, eis aí o teu filho”! (BÍBLIA, João, 19:26). E dirigindo-se ao discípulo predileto, Jesus lhe diz: “Eis aí a tua Mãe”! (BÍBLIA, João, 19:27). Com esta expressão, Jesus revela a Maria o vértice da sua maternidade: enquanto Mãe do Salvador, Ela é a mãe também dos remidos, de todos os membros do Corpo Místico do Filho.

³⁵ Disponível em: <https://mitologiagrega.net.br/>. Acesso em 18 ago. 2020.

Ao reconhecer Maria como Mãe dos que nela acreditam, compreendemos o sentido autêntico do culto mariano na comunidade eclesial. Pois, o culto que a Igreja presta à Virgem, não é apenas fruto duma iniciativa espontânea dos crentes, diante do valor excepcional da sua pessoa e da importância do seu papel na obra da salvação, mas baseia-se na vontade de Cristo. A partir das palavras de Jesus: “Eis aí a tua mãe” se observa a intenção de Jesus de gerar nos discípulos uma atitude de amor e confiança para com Maria, conduzindo-os a reconhecer nela a própria mãe, a mãe de todos que creem.

A Igreja ensina que a Virgem Maria é a via que leva a Cristo, e que a devoção filial para com ela não exclui a intimidade com Jesus, antes, a aumenta e a conduz a altíssimos níveis de perfeição, uma vez que ela, como verdadeira Mãe, protege e intercede por todos os desamparados e oprimidos. No seu coração, Maria gera a humanidade crente rumo à santidade: aquela que ensina, concretamente, amar ao próximo como a si mesma.

3.5 Hera

Imagem 8 – Hera



Fonte: Site Mitologia Grega³⁶

Quando a mitologia nos apresenta Hera, descobrimos que ela vive uma perturbação constante: embora sendo a rainha de todo o mundo conhecido, é infeliz, por causa das intermináveis infidelidades de Zeus, seu esposo. Sendo a mais ciumenta e vingativa das divindades, ironicamente, se viu a mais conservadora: detesta adúlteros e zela sempre pela

³⁶ Disponível em: <https://mitologiagrega.net.br/>. Acesso em 18 ago. 2020.

ordem e os bons costumes. Talvez, por esse motivo, é considerada a deusa da fidelidade conjugal e também dos partos. Hera é deusa das deusas, por ser a rainha do Olimpo. Seus símbolos são: o bastão real, a coroa e o pavão, seu animal sagrado.

Hera simboliza também a nutrição e a força de proteção: do leite jorrado de seu peito foi criado um caminho de estrelas, hoje conhecido como Via Láctea. Seu nome significa: “Nossa Senhora”, “heroína”, “guerreira”, “a escolhida”.

Do mesmo modo, obediente e fiel a Deus e ao seu casto esposo José, Maria é invocada como protetora do matrimônio, da fidelidade conjugal e das parturientes. Diante dos inúmeros títulos dedicados à Virgem Santíssima, se destacam aqueles que aproximam as aflições humanas às dores de Maria, como por exemplo, o de Nossa Senhora Desatadora dos Nós e Nossa Senhora das Famílias. Com orações específicas, terços, novenas e ladainhas se invocam os benefícios da Mãe de Jesus em favor dos cônjuges, do matrimônio e dos filhos.

Ainda no campo das semelhanças, Maria compartilha do mesmo título de Hera ao ser chamada pelos católicos de “Nossa Senhora”. Pois, ao tratá-la por Senhora, a Igreja tem como objetivo demonstrar a confiança e respeito depositados numa mulher, que pelo fato de dar à luz ao Rei, é também Senhora do povo de seu filho Jesus.

Diferentemente da divindade grega e seu esposo, o casal formado por Maria e José é exemplo de retidão, respeito mútuo e fidelidade. Em Mateus, a narrativa demonstra que mesmo não compreendendo a obra que Deus operara em Maria, José foi obediente e não optou por abandoná-la e difamá-la. Vejamos:

Maria, sua mãe (de Jesus Cristo), estava desposada com José. Antes de coabitarem, aconteceu que ela concebeu por virtude do Espírito Santo. José, seu esposo, que era homem de bem, não querendo difamá-la, resolveu rejeitá-la secretamente. Enquanto assim pensava, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: “José, filho de Davi, não temas receber Maria por esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados[...]. Despertando, José fez como o anjo do Senhor lhe havia mandado e recebeu em sua casa sua esposa. E, sem que ele a tivesse conhecido, ela deu à luz o seu filho, que recebeu o nome de Jesus. (BÍBLIA, Mateus, 1:18-25).

Por ter tido um parto incomum - virginal - e na simplicidade de uma manjedoura, Maria, a escolhida por Deus, é lembrada como a Senhora do Bom Parto e clamada nos momentos de dor por muitas mulheres, que experimentam, na hora de dar à luz, os benefícios dessa devoção e proteção maternal. Como se comprova pela leitura de Lucas, o nascimento de Jesus Cristo se deu assim: “[...] José subiu da Galileia, [...] à cidade de Davi, chamada Belém, [...] para se alistar com sua esposa Maria, que estava grávida. Estando eles ali, completaram-se os dias dela. E deu à luz seu filho primogênito, e envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio [...]”.

(BÍBLIA, Lucas, 2:4-7). Ora, por não haver lugar para o casal na hospedaria, o Filho de Deus nasce num abrigo para animais, para demonstrar que a glória de Deus havia se concretizado em benefício dos homens.

A figura de Maria é sempre associada à da mulher escolhida, iluminada e destemida, que ao despojar de si, guarda em seu coração as promessas do anjo enviado por Deus.

3.6 Hebe

Imagem 9 – Hebe



Fonte: Site Pelamente³⁷

Deusa da juventude eterna e da imortalidade, Hebe é filha de Zeus e Hera. Herdou de sua mãe o presídio dos casamentos e, é por isso, reverenciada pelas noivas jovens. Dedicada aos trabalhos domésticos, se incumbe de servir a ambrosia - manjar dos deuses do Olimpo - vetado aos mortais, e manter suas taças cheias de néctar de fragrância perfumada. Por isso, sua figura é estampada segurando um jarro que verte o precioso néctar destinado aos deuses. Seu nome significa: “juventude” e “mocidade”.

Retomando a figura de Maria, a Igreja a reconhece como a intercessora dos aflitos, aquela que nas Bodas de Caná, agiu em favor dos noivos. Convidada juntamente com Jesus e seus discípulos a uma festa de casamento em Caná da Galileia, a Mãe do Messias percebeu que o vinho acabara antes do fim da festa. Preocupada com o vergonhoso episódio pelo qual os

³⁷ Disponível em: <https://pelamente.wordpress.com/2017/05/21/mitologia-grega-deusa-hebe/>. Acesso em 21 ago. 2020.

noivos iriam passar, e atenta à necessidade dos nubentes, ela então, dirigindo-se ao seu Filho, disse: “Eles já não têm vinho”. (BÍBLIA, João, 2:3). Jesus, como se não se importasse com a situação, respondeu-lhe: “Mulher, isso nos compete a nós? Minha hora ainda não chegou”. (BÍBLIA, João, 2:4). Ao que Maria, ao invés de retrucar-lhe, disse aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser”. (BÍBLIA, João, 2:5). A partir daí os serventes encheram de água as talhas de pedra que eram usadas para as purificações dos judeus, e sob o comando de Jesus, levaram da água tornada vinho ao chefe dos serventes, que chamando o esposo, o admoestou a respeito de ter deixado o melhor vinho para ser servido ao final da festa, uma vez que era costume servir o vinho menos bom nesta hora, quando os convidados já se encontravam quase embriagados. Ora, a narrativa do evangelista João encerra sem apresentar as explicações do noivo (pois ele também não tinha conhecimento do ocorrido), e finda, declarando que este foi o primeiro milagre de Jesus.

Mais uma vez, semelhanças entre os comportamentos da deusa Hebe e da Virgem Maria se entrelaçam. Embora a mãe de Jesus não se ocupasse em servir e manter os convidados fartos e saciados como a deusa Hebe, ela se encarregou de cuidar para que o vinho não faltasse na festa de casamento. Como nos ensinam os exegetas, o vinho, na Bíblia, representa a felicidade, a alegria, a plenitude, a graça. Com seu poder mediador, Maria é o elo entre os homens e Jesus. É ela quem se encarrega de levar até ele as necessidades humanas – espirituais e temporais – ao mesmo tempo que ensina a obedecer e confiar na sua divina providência; e trazer dele, as graças que se espera.

Diferentemente do que é atribuído à deusa Hebe, Maria não preside casamentos – que na Igreja, são presididos pelos noivos, na presença do sacerdote ou diácono – mas, é invocada como protetora do matrimônio, patrona da família e é considerada Mãe de todas as mães.

3.7 Mitologia Comparada

Imagem 10 – Imaculada Conceição



Fonte: Site Catedral Joinville³⁸

A imagem da Virgem que nasceu isenta do pecado original, portanto, livre de mácula [mancha], tem a túnica branca que representa o amor de Deus. O manto simboliza sua realeza: Rainha do céu e da terra. Ao seu redor, anjos sentados sobre uma nuvem retratam a inocência e a alegria em tê-la consigo. De dentro de outra nuvem, mais distante e ao alto, resplandece a luz de Deus sobre a escolhida. Maria tem as mãos sobrepostas ao peito num gesto de agradecimento ao Criador que a fez bendita, entre todas as mulheres.

No artigo “O mito da imaculada concepção – Estudo de mitologia comparada”, Paul Lafargue nos assegura que o cristianismo não é a única religião que se apoderou do mito da imaculada concepção. Segundo o autor, na Grécia, a ideia de virgindade e de maternidade, tanto das humanas quanto das deusas, estava ligada à de mulheres violentadas, isto é, a mãe-virgem é aquela que não tem um homem, que não é casada. Tanto que o filho de uma mulher solteira era chamado filho de virgem.

Mais tarde, o nome de virgem-mãe toma um outro sentido e passa a significar a maternidade sem a interferência masculina. Acreditava-se que as mulheres eram fecundadas pelas forças da natureza: o ar, o mar, o raio do sol ou da lua, etc. Com o advento do cristianismo não foi diferente: Maria, a Virgem fecundada por obra do Espírito Santo concebe sem a

³⁸ Disponível em: <https://www.catedraljoinville.com.br/>. Acesso em 22 ago. 2020.

intervenção do homem. José, seu humilde esposo parece ter sido renegado a uma posição inferior.

Em todas as sociedades em que a mulher foi transformada em instrumento de opressão, parece que o mito da concepção imaculada era uma tentativa de auxiliá-la a conquistar seus direitos e sua emancipação, afirma Lafargue:

O mito da imaculada concepção não é uma invenção do primeiro século do cristianismo, mas um dos mais antigos: deve ter sido elaborado pelo homem, para se apoderar dos bens e da autoridade da mulher na família matriarcal, reduzindo seu papel na procriação, e ela respondia a estes atentados contra os seus direitos e sua função demonstrando que não tinha necessidade da intervenção do homem para conceber. (LAFARGUE, 2006)

Mas, se essa era a real intenção feminina, seu triunfo teve curta duração, assegura-nos o autor. Maria, assim como as figuras femininas gregas em nada elevaram o papel da mulher na procriação. Antes, contribuíram para que a sua qualidade de geradora da vida permanecesse enevoada pela posição subalterna e submissa que lhes foi imposta, apesar dos diversos avanços que a mulher conquistou ao longo dos séculos.

Todavia, as semelhanças com as divindades gregas não param por aí. Para Robles, as metáforas atribuídas à Virgem Maria e que compõem diversos textos teológicos, em nada contribuem para desmistificá-la. Vejamos:

Talvez como um vestígio daquela Ísis tida como estrela-guia dos marinheiros, São Jerônimo associou-a à estrela-do-mar; São Isidoro definiu-a como iluminatrix, ou a iluminadora; São Pedro Diácono como mediadora de todas as graças, enquanto Santo Anselmo se referia a ela como soberana do mar. A lista de metáforas, a partir de então, é incontável, e algumas vezes insólita, como se pode observar na ladainha do santo Rosário, em que abundam alusões como casa de ouro, porta do céu, poço de água viva, trono da eterna sabedoria. (ROBLES, 2006, p. 335).

Essas frases, ao evitar uma linguagem precisa e abusar dos adjetivos, acabam por extrapolar a credulidade de muitos, sugere a autora. Às já enumeradas, acrescentamos: arca da aliança, rosa mística, espelho de justiça, vaso espiritual, torre de marfim – todas elas elencadas na oração mariana denominada “Ladainha de Nossa Senhora”.

Ao refletir a respeito de Maria ser considerada por muitos, uma figura mitológica, apontamos: ora, se os mitos são frutos de ideias fantasiosas criadas no imaginário do homem, e, portanto, desprovidas de real corporeidade, o mesmo não ocorre com Maria, que, ao contrário, tem a sua existência terrena e seus feitos humanos descritos historicamente, ou seja, Maria é uma mulher de “carne e osso” que viveu entre nós, conforme atestam as Escrituras Sagradas.

Segundo José Ulisses Leva, arrancar Maria de suas raízes humanas e tentar transformá-la em divindade é atributo de pessoas que não compreendem a sua natureza.

Ao se tornar Mãe de Jesus Cristo, ela não mudou de natureza, nem adquiriu poderes ou qualidades sobre humanas. Continuou mulher com suas limitações e percorreu o mesmo itinerário de Fé para atingir a meta suprema da vida que é Deus. Não foram os méritos pessoais que elevaram a Virgem à suprema grandeza de conceber e gerar o Filho de Deus encarnado. Tudo foi graça de Deus. A fé cristã e católica não diviniza a pessoa de Maria, nem lhe destrói a humanidade idêntica à nossa. (LEVA, 2013, p. 86).

Então, baseados nessas informações, podemos assegurar que Maria não é um mito.

Porém, se considerarmos que a palavra mito, neste caso, não se refere à pessoa de Maria, mas às suas ações e às obras extraordinárias que Deus nela realizou, não seria demasiado afirmar que, numa certa proporção, os dogmas marianos remetem à ideia do sobrenatural, que parece alimentar a fé mais pelo caminho da intuição que pela via da razão. Portanto, segundo esse aspecto, Maria pode ser considerada uma figura mitológica.

Todavia, se aplicarmos a palavra mito, ao fato de que o rito contribui para a manutenção vital do mito, podemos considerar que as Devoções Marianas retratam as evidências da eficiência do modelo que se deseja imitar, isto é, quando o crente recorda e revive a figura da Virgem Maria e os simbolismos marianos, ele os tem como princípio orientador de suas ações. Portanto, neste contexto específico, consideramos ser apropriada a utilização da palavra mito para designar Maria e a devoção a ela atribuída.

Por fim, enfatizamos que, se tratando de uma figura mitológica ou não, no Plano de Deus, tudo em Maria se refere a Cristo e tudo depende dele. Pois, a Virgem Maria, que na Anunciação do Anjo recebeu o Verbo de Deus no coração e no corpo e trouxe ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus e do Redentor.

Como vimos, há evidências nas Sagradas Escrituras, que nos permitem afirmar que Maria é mulher de oração – quando da Anunciação, segundo a narrativa de Lucas 1: 26-28, que nos apresenta o Anjo Gabriel que a encontra rezando; é mulher forte, que mesmo grávida, se põe a servir sua parenta Isabel, conforme relata Lucas no capítulo 1, versículos de 39-45, do seu evangelho; é mãe que alimenta o menino Deus nos braços e lhe dá carinho, nos assegura Lucas, no capítulo 11, versículo 27, da Palavra de Deus; é mãe que acompanha Jesus e o ajuda em Caná para que se manifeste ao mundo, conforme encontramos em João 2: 1-12; é mãe sofrida que acompanha seu Filho até o Calvário, citada em João 19: 25-27. Mas, sobretudo, é Mãe que confia: em Pentecostes, Maria reconheceu seu Filho como o Redentor de todo gênero humano, segundo nos relata o livro dos Atos dos Apóstolos, no capítulo 2, nos versículos de 1

a 13. Ela é aquela que confiou e rezou para que o Espírito Santo prometido por Jesus Cristo inundasse a Terra de alegria.

Todavia, outras atribuições e bem-aventuranças atribuídas à Virgem Maria carecem de ser esclarecidas pelos teólogos, que por meio de estudos rigorosos, alicerçam suas conclusões em bases confiáveis e sólidas. De outro modo, aceitar e contemplar tais prodígios unicamente à luz da fé, seria fugir do propósito de nosso trabalho.

Compreendemos então, que, quando retratamos as figuras femininas que foram, e ainda são fonte de inspiração e modelo de conduta, cremos que apresentamos argumentos razoáveis para justificar a nossa proposta de investigação: demonstrar que os símbolos sagrados são fundamentais na constituição do ser humano, mesmo que de forma inconsciente. Pois, em maior ou menor proporção, de diferentes modos, esses símbolos norteiam o pensar, o agir, as regras morais e a linguagem de todas as pessoas, em todos os tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A função mais importante do mito é determinar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas [...]”. (ELIADE, 2010, p.87), isto é, o mito deve impelir o homem a repetir as perfeitas ações e gestos dos deuses, como modelo para suas diversas atividades.

Neste trabalho, demonstramos que algumas figuras mitológicas gregas têm mais semelhanças com a Virgem Maria que outrora pudéssemos imaginar. Isso nos atesta que a mitologia exerce forte influência sobre o modo de pensar, os valores, as atitudes, as ações e a linguagem das civilizações de todos os tempos.

Há diversas afinidades entre as figuras femininas comparadas: a virgindade, a concepção sem a participação de um parceiro do sexo oposto, o aguçado senso de proteção, de confiança, a sabedoria, a predileção, dentre outros.

Embora muito pouco se saiba sobre a vida de Maria no mundo, para além das referências encontradas no Novo Testamento, a mãe de Jesus Cristo parece rodeada por uma auréola de mistério; um mistério que, longe de se revelado por meios históricos, é apresentado pela Igreja, muitas vezes, como dogma de fé que diviniza sua maternidade, sua concepção imaculada, seu parto virginal e sua assunção ao céu.

Maria representa a última figura feminina a se destacar no Antigo e no Novo Testamentos. Todavia, na qualidade de Mãe, Maria não era somente o centro de sua família, mas o centro espiritual em torno do qual os apóstolos de Jesus se dirigiam, após a sua morte na cruz.

A caminhada da Mãe de Deus é modelo de renúncia e fonte de inspiração para os seus devotos que experienciam as dificuldades da vida: doenças, vícios, sofrimentos, aflições, medos, separações, etc., todavia, o povo mariano, deve ser cauteloso a respeito de algum simbolismo exterior que Maria possa trazer consigo. Pois, a sua conduta deve ser alicerçada nas atitudes concretas da Mãe de Jesus. Se esses crentes que veneram a Virgem Maria podem contar com sua intercessão e mediação junto a Jesus é por causa dos moldes de vida experimentados por ela.

Concluindo o estudo proposto, sobrevêm diversas indagações, que poderão ser abordadas futuramente:

a) Contida em seu silêncio reflexivo, Maria em tudo foi obediente à Deus. Seria a sua atitude de submissão, determinante para que a mulher permanecesse, por longos séculos, excluída das transformações sociais importantes, sendo condicionada às funções familiares? Ou

seria o silêncio de Maria, sinal de fecundidade, de onde despontam o ouvir, o meditar e o frutificar?

b) Se as deusas gregas eram reflexos de valentia e determinação, como puderam ser dizimadas a partir da figura da menina de Nazaré? E as mulheres de hoje, são aniquiladas ou inspiradas por Maria?

c) Seria equivocado relacionar o fato de muitos cristãos não darem a devida importância à figura de Maria, a Mãe de Jesus – em alguns casos, nem ao menos mencionar o seu nome publicamente – à discriminação, que infelizmente, muitos ainda têm pelas mulheres? Tal preconceito teria como pano de fundo um universo conservador e machista?

Por ser uma matéria instigante, como demonstramos neste trabalho, o tema abordado propicia um leque de inúmeras contingências. Oxalá, que novas reflexões acadêmicas, a respeito do papel de Maria e das divindades gregas, na edificação das civilizações possam ser incitadas naqueles que se orgulham em buscar os seus conhecimentos na Filosofia, a raiz da apreensão de todas as coisas. Pois, o pouco que abordamos é como uma gota de água num mar de possibilidades. O desafio continua!

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Walmir. *O Cântico de Maria*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ministerio-adoracao-vida/1444672/>. Acesso em 27 jul. 2020.
- AFRODITE. Mitologia e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.mitologiaearte.com/mitologia-grega/deusas-gregas-nomes/>. Acesso em 14 ago. 2020.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução: Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1992.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução: CNBB. São Paulo: Canção Nova, 2008.
- BOLEN, Jean Shinoda. *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Tradução: Maria Lydia Remédio. São Paulo: Paulus, 2010.
- BULA *INEFFABILIS DEUS*. Montfort, 2020. Disponível em: <http://montfort.org.br/bra/documentos/decretos/20060220>. Acesso em 02 jul. 2020.
- CARTA ENCÍCLICA *REDEMPTORIS MATER*. Vatican, 1987. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html. Acesso em 10 jul. 2020.
- CNBB. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2001.
- CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA *MUNIFICENTISSIMUS DEUS*. Vatican, 1950. Disponível em: http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html. Acesso em 12 jul. 2020.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM*. Vatican, 1964. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 10 jul. 2020.
- DETIENNE, Marcel; SISSA, Giulia. *Os Deuses Gregos*. Coleção: A vida cotidiana. Tradução: Rosa Maria Boaventura. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. 7 Graus, 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 15 jul. 2020.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2010.
- EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM*. Vatican, 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 09 jul. 2020.
- GAIA. Mitologia Grega, 2019. Disponível em: <https://mitologiagrega.net.br/>. Acesso em 18 ago. 2020.

GRIMAL, Pierre. *Mitologia Grega*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HEBE. Pela Mente, 2020. Disponível em: <https://pelamente.wordpress.com/2017/05/21/mitologia-grega-deusa-hebe/>. Acesso em 21 ago. 2020.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

IMACULADA CONCEIÇÃO. Catedral Joinville, 2020. Disponível em: <https://www.catedraljoinville.com.br/>. Acesso em 22 ago. 2020.

LAFARGUE, Paul. *O mito da imaculada concepção – Estudo de mitologia comparada*. A nova democracia, 1986. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-31/422-o-mito-da-imaculada-concepcao-estudo-de-mitologia-comparada>. Acesso em 08 ago. 2020.

LÉO, Padre. *Cheia de graça*. São Paulo: Canção Nova, 2007.

LEVA, José Ulisses. Grata lembrança memória e celebração. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. Volume 7, número 11, pp. 76-88, 2013.

MARIA DE NAZARÉ. Catolicismo Romano, 2020. Disponível em: <https://www.catolicismoromano.com.br/iconografia-da-vmrgem-maria-artigo-escrito-pela-catequista-monica-romano/>. Acesso em 12 ago. 2020.

MARIA PASSA NA FRENTE. Cruz Terra Santa. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-maria-passa-na-frente/507/103/>. Acesso em 08 ago. 2020.

Nossa Senhora Desatadora dos Nós: as graças da devoção que conquistou o Papa Francisco e todo o mundo. Rio de Janeiro: Petra, 2016.

Ofício da Imaculada Conceição. São Paulo: Canção Nova, 2004.

OLIVEIRA, Frei Rinaldo Stecanela. *Mariologia – Maria na Bíblia*. Ead Século 21. Disponível em: <https://www.eadseculo21.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

O ROSÁRIO MARIANO. Terra Cotta Arte Sacra, 2020. Disponível em: <https://www.lojaterracotta.com.br/pages/como-rezar-o-terco>. Acesso em 08 ago. 2020.

PADRE ZEZINHO. *Maria de Nazaré*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/padre-zezinho/248703/>. Acesso em 21 jul. 2020.

_____. *Senhora e Rainha*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/padre-zezinho/291102/>. Acesso em 21 jul. 2020.

RCC, Secretaria Rafael. *Orações selecionadas de cura, libertação e intercessão*. São Paulo: Loyola, 1999.

ROBLES, Martha. *Mulheres, Mitos e Deusas: o feminino através dos tempos*. Tradução: William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

SILVA, Dom Rafael Maria Francisco da. *Curso de Mariologia*. Cursos Católicos, 2012. Disponível em: <https://www.cursoscatolicos.com.br/>. Acesso em 25 abr. 2020.